



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE ARTES**

**LICENCIATURA EM DANÇA**

**ISABELLE BEATRIZ LUCENA DA SILVA**

**AS IMPLICAÇÕES DA DANÇA VOGUING NA VIDA DE CORPOREIDADES  
INSERIDAS NA CULTURA BALLROOM NORTE E NORDESTE**

Recife

2022



ISABELLE BEATRIZ LUCENA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DA DANÇA VOGUING NA VIDA DE CORPOREIDADES  
INSERIDAS NA CULTURA BALLROOM NORTE E NORDESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Dança da  
Universidade Federal de Pernambuco -  
UFPE, como requisito parcial para obtenção  
do grau de Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Francini Barros  
Pontes

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Isabelle Beatriz Lucena da .

As implicações da dança Voguing na vida de corporeidades inseridas na cultura Ballroom Norte e Nordeste / Isabelle Beatriz Lucena da Silva. - Recife, 2023.

71f.

Orientador(a): Francini Barros Pontes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Dança - Licenciatura, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Voguing. 2. Cultura Ballroom. 3. Norte e Nordeste. I. Pontes, Francini Barros. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)



ISABELLE BEATRIZ LUCENA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DA DANÇA VOGUING NA VIDA DE CORPOREIDADES  
INSERIDAS NA CULTURA BALLROOM NORTE E NORDESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Dança da  
Universidade Federal de Pernambuco -  
UFPE, como requisito parcial para obtenção  
do grau de Licenciada em Dança.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 FRANCINI BARROS PONTES  
Data: 20/12/2022 17:24:27-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Francini Barros Pontes

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Documento assinado digitalmente  
 JEFFERSON ELIAS DE FIGUEIREDO  
Data: 21/12/2022 17:30:31-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Me. Jefferson Elias de Figueirêdo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Documento assinado digitalmente  
 ANTHONY MARCOS GOMES DOS SANTOS  
Data: 21/12/2022 23:34:45-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Me. Anthony Marcos Gomes dos Santos

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, por me apoiarem, me auxiliarem e serem compreensíveis.

Aos meus amigos, em especial a Fábio Albuquerque e a Dayvison Albuquerque, por me ajudarem nos momentos difíceis.

A minha Casa de Mandacaru, sem a Mandacaru este trabalho não teria nem iniciado e nada disso teria ocorrido.

A minha orientadora, Profa. Dra. Francini Barros Pontes, pelas trocas, o cuidado e por ter aceitado me orientar.

A Juan Silva, Edson Vogue e Rená Bayonetta por me auxiliarem sem hesitar.

Aos entrevistados, por disponibilizarem seu tempo para responder o formulário.

Durante as leituras das respostas me emocionei, me arrepiei e tive certeza de que estava fazendo a coisa certa. Muito obrigada!

# AS IMPLICAÇÕES DA DANÇA VOGUING NA VIDA DE CORPOREIDADES INSERIDAS NA CULTURA BALLROOM NORTE E NORDESTE

## THE IMPLICATIONS OF VOGUING DANCE IN THE LIVES OF CORPOREALLY-INVOLVED PEOPLE IN THE NORTH AND NORTHEAST BALLROOM CULTURE

Isabelle Beatriz Lucena da Silva (UFPE)

### **Resumo:**

Este trabalho propõe trazer mais visibilidade para a Cultura *Ballroom*, o *Voguing* e as corporeidades subalternizadas que os praticam. Para tanto, foram realizadas entrevistas com membros desta cultura, com foco nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Além disso, também é visado produzir e disponibilizar um material bibliográfico, pois este é muito escasso sobre a dança *Voguing* nos EUA, no Brasil e, especialmente, nas regiões Norte e Nordeste. O tema abordado foi escolhido a partir do interesse em aprofundar e expandir os estudos sobre a historicidade do *Voguing* e da Cultura *Ballroom* das regiões Norte e Nordeste do Brasil e mostrar a sua importância e como pode contribuir de forma efetiva na vida de corporeidades que estão ou não inseridas nesta cultura.

**Palavras chave:** *Voguing*; Cultura *Ballroom*; Norte e Nordeste.

**Abstract:** This paper proposes to bring more visibility to Ballroom Culture, Voguing and the subalternized corporeities that practice them. To this end, interviews were conducted with members of this culture, focusing on the North and Northeast regions of Brazil. In addition, it is also aimed to produce and make available bibliographic material, since it is very scarce on Voguing dance in the USA, in Brazil and especially in the North and Northeast regions. The theme was chosen from the interest in deepening and expanding the studies on the historicity of Voguing and Ballroom Culture in the North and Northeast regions of Brazil and to show its importance and how it can contribute effectively in the lives of corporealities that are or are not inserted in this culture.

**Keywords:** Voguing; Ballroom Culture; North and Northeast

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 Capítulo 1: A CULTURA <i>BALLROOM</i>.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Aspectos da cultura Ballroom: houses, balls e gêneros... ..</b>	<b>14</b>
<b>3 Capítulo 2: A DANÇA VOGUING... ..</b>	<b>19</b>
<b>4 Capítulo 3: O <i>VOGUING</i> E A CULTURA <i>BALLROOM</i> NO BRASIL.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1 O Voguing e a cultura Ballroom no norte e nordeste do Brasil... ..</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS... ..</b>	<b>36</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>7 APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>40</b>

## Introdução

O presente trabalho de conclusão do Curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, surge a partir de uma vontade de contribuir de alguma forma para a cultura *Ballroom* do Brasil, principalmente para as regiões do Norte e do Nordeste. Dessa forma, a escrita percorre a historicidade da cultura *Ballroom*, através da revisão do escasso material bibliográfico disponível, e conseqüentemente, da dança *Voguing* nos EUA, no Brasil e nas regiões Norte e Nordeste.

Com o intuito de ampliar o espectro de informações disponíveis sobre a cultura *Ballroom*, o trabalho foi construído a partir de entrevistas realizadas de modo virtual, através da plataforma Formulários Google, por permitir o acesso dos participantes de outras localidades com uma maior autonomia no tempo das respostas. E para que es entrevistades se sentissem à vontade para responder às perguntas, as respostas foram abertas e não de múltipla escolha ou por meio de caixas de seleções.

Percebe-se que dentro desse contexto, existe uma lacuna tanto na área acadêmica de estudos quanto ao histórico da origem e de como está se estruturando a cultura *Voguing* e a *Ballroom* no Norte e no Nordeste. Por conseguinte, o estudo se materializa como uma pesquisa de campo de cunho qualitativo que estabelece a possibilidade de um diálogo inicial sobre esta temática. A metodologia escolhida propõe dialogar com as respostas des entevistades ao longo de todo o texto, de modo a valorizar a experiência dos fazedores desta cultura, excluindo possíveis hierarquias entre teoria e prática.

O formulário teve a participação de 16 pessoas que são das regiões Norte e Nordeste, sendo 10 do Nordeste e 6 do Norte. Es participantes da Região Nordeste são: em Pernambuco, a pioneira<sup>1</sup> e mãe da Kiki Casa de Mandacaru - Rany Hilston; pioneiro e mãe da kiki House of Guerreiras - Edson Vogue; pioneiro não oficializado e Mãe da Haus of China - Mei Jinlian; no Ceará, a pioneira e mãe da kiki House of Kengaral - Yagaga; em Alagoas, pioneire e filhe da Iconic House of Zion (cena mainstream) e 007 (cena kiki) - Fênix Negra; Mãe da House of Muzi, pioneira da kiki

---

<sup>1</sup> A classificação "Pioneire", referente à primeira pessoa que incentiva a cultura Ballroom e a prática da dança Voguing, utilizada nesta pesquisa, foi baseada no site "<https://pioneersbr.wixsite.com/pioneersbr>", que discrimina es Pioneires da Ballroom no Brasil. Es que estão como "Pioneire não oficializade" não estão presentes no site.

house de Alagoas - Star Mother Diamond Muzi; em Salvador, a pioneira não oficializada e Mãe da House of Afrobapho - Lunna Montty; pioneira não oficializada, fundadora e mãe/pai da Casa DiBarro - Afrofutur1st, em Sergipe; pioneiro não oficializado e Pai da Kiki Casa de Kamikaze - Tato Takai, no Rio Grande do Norte e a pioneira não oficializada e Princesa da Kiki Casa de Monique - tay d'monique, no Piauí.

Como representantes da Região Norte, contamos com a participação: no Pará, o pioneiro filho da House of Juicy Couture - Rodrigo Pará; a mãe da House of Bayonetta - Rená Bayonetta; mãe da Casa de Maniva - Juan Silva; no Amazonas, o pioneiro não oficializado e filho da Iconic House of Zion na (cena mainstream) e filho da Iconic Kiki House of Juicy Couture (cena kiki) - Simas Zion e Legildu 007.

O formulário foi estruturado com 6 perguntas sobre o *Voguing* e a cultura *Ballroom* a serem respondidas de acordo com a experiência de cada entrevistade. Também foi realizada uma entrevista estruturada com 7 perguntas para a primeira casa de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ da região Norte, chamada Casa Miga, para brasileiros e refugiados expulsos de casa e/ou em situação de vulnerabilidade social, na qual existe uma ligação com o *Voguing* e a cultura. As perguntas e as respostas, de ambas entrevistas, estão exibidas no apêndice. Todas as entrevistades assinaram a anuência para uso de participação das entrevistas para fins acadêmicos, assim autorizando a transparência de sua identidade, pois não viram problema em se expor.

A idade dos participantes varia de 21 a 33 anos. Os gêneros por eles identificados foram 7 não-binários/flúidos, 7 heterossexuais e 2 travestis. Quanto à classificação de raça, 6 se declararam negres, 4 pretas, 2 pardos, 3 brancos e 1 indígena.

Quanto à identidade de gênero, segundo Oka (2022), ela abarca os indivíduos que não necessariamente se identificam com o seu “[...] sexo biológico: embora um indivíduo possa nascer do sexo masculino, feminino ou intersexo, ao crescer, essa pessoa pode se identificar como homem, como mulher, ou não se sentir confortável em nenhum desses papéis.”<sup>2</sup>

Na entrevista realizada, grande parte das entrevistades assumiu ser não-binária, que é um dos tipos de identidade de gênero no qual, segundo Oka (2022), os

---

<sup>2</sup> Disponível em:  
*Identidade de gênero: saiba o que é e os seus tipos*  
(todoestudo.com.br)

indivíduos a ele pertencentes não se identificam com os gêneros masculino e feminino. “Desse modo, pessoas não-binárias podem se sentir metade-metade, ou mesmo fluindo entre o feminino e o masculino.”<sup>3</sup>

Dentro do contexto da identidade de gênero, assumiu-se a identificação de travesti como “uma pessoa que foi designada homem no seu nascimento, mas se entende como uma figura feminina.” (BRITO, 2021).<sup>4</sup>

No decorrer da escrita, utilizamos a linguagem neutra, com o intuito de minimizar binarismos inerentes à linguagem, para o acolhimento de corpos não enquadrados nos pólos reconhecidos pela linguagem formal. A língua portuguesa é totalmente demarcada pelos gêneros feminino e masculino, como predominância acentuada deste último, e não existe uma exceção para se referir a pessoas que não se identificam nessa polaridade.

Por mais que se tenha uma linguagem formal a ser utilizada como padrão, a linguagem neutra funciona, na pesquisa, como uma construção linguística social instaurada por necessidade. “A linguagem neutra, ou inclusiva, reivindica a utilização de pronomes neutros, como forma de romper com o binarismo masculino/feminino na língua. Também prevê a substituição de adjetivos binários por alternativas neutras e de sujeitos [...]”. (BASILIO, 2022)

Tendo por base a raça declarada pelas entrevistades, é notório perceber que “a maioria dos pesquisadores brasileiros constroem a classificação de negro com base nos dados de cor da pele pesquisados pelo IBGE. O negro seria a soma das pessoas que se auto declaram ‘pardas’ e ‘pretas’” (Alves, 2010). Porém isso é só uma classificação da pele a partir do olhar de outra pessoa. Cada indivíduo tem sua identidade, sabe da sua história e da sua auto identificação.

No Capítulo 1, *A Cultura Ballroom*, é apresentada a trajetória de como se construiu a cultura *Ballroom*, considerando seus períodos históricos de início e consolidação e o contexto emocional inerente ao surgimento e funcionalidade desta

---

<sup>3</sup> Disponível em:  
*Identidade de gênero: saiba o que é e os seus tipos*  
(todoestudo.com.br)

<sup>4</sup> Disponível em:  
*Esclarecimento: O que seria uma pessoa travesti?*  
(uol.com.br)

cultura. Importante ressaltar desde já as dificuldades enfrentadas pela falta de bibliografia especializada e de fontes oficiais de informação.

Neste capítulo também são expostos os aspectos estruturais consolidados na cultura *Ballroom*, que são as *Houses*, as *Balls* e os gêneros.

No Capítulo 2, *A Dança Voguing*, discorremos sobre a dança *Voguing*, como ocorreu sua estruturação e as suas subdivisões existentes, o surgimento da música *Voguing* e também sobre o advento e disseminação da AIDS e suas consequências na cultura. Isso a partir das informações das entrevistadas e de fontes bibliográficas.

Também é abordada a realidade do *Voguing* e da cultura *Ballroom* no Brasil, a partir de seus/suas precursores e fomentadores, e especificamente, a situação da cultura *Ballroom* no Norte e no Nordeste do país. Esta parte do trabalho é totalmente baseada nas informações coletadas nas entrevistas por falta de uma bibliografia confirmada.

## Capítulo 1: A CULTURA *BALLROOM*

A história do surgimento da dança *Voguing*, nos EUA, é indissociável da cultura *Ballroom*. Na década de 1980, os bairros de Manhattan e boa parte do Harlem ainda eram classificados como de classe média e alta. Porém, a situação da crise do petróleo que se alastrou nos EUA desde o início da década de 1970 gerou uma mudança nessa realidade e já nos anos de 1990 a cidade de Nova York via seus serviços públicos e sociais reduzidos, o que expôs a população a um aumento da criminalidade, à falta de segurança, a uma crise nas condições de saneamento básico, enfim, aos efeitos de uma grave crise econômica. (GRISA, 2016)

A cultura *Ballroom* começa a se consolidar na década de 1970, na cidade de Nova York, em resposta a esse quadro de precariedade e se concebe na periferia majoritariamente habitada por negres, latines e com uma grande representatividade da comunidade LGBTQUIA+. A *Ballroom* surge, então, nesse período conturbado, como um lugar de proteção e acolhimento para esses corpos marginalizados.

Sobre os aspectos emocionais vivenciados pelos membros envolvidos nessa cultura, perguntamos na entrevista realizada através da plataforma do Formulários Google “O que a Cultura *Ballroom* e o *voguing* significam na sua vida?” Dentre as

respostas, a palavra “acolhimento” se repetiu 3 vezes, por Edson Vogue<sup>5</sup>, Simas Zion<sup>6</sup> e Tayomara<sup>7</sup>, e a palavra “família” se repetiu 2 vezes por Legildu<sup>8</sup> e Tayomara<sup>9</sup>. Seguindo nesta mesma linha de pensamento e de comoção, Yagaga<sup>10</sup> descreve sua experiência na cultura a partir da seguinte pergunta da entrevista: “Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?” Sua resposta foi que quando conheceu a *Ballroom* foi despertada a vontade de estar neste ambiente, de viver esses momentos, “de perceber um lugar feito para pessoas como eu”, afirmou ela. A entrevistada ressaltou ainda que a relação com a *Ballroom* teve início pela curiosidade pela dança *Vogue Femme*.

Para que esses corpos tenham liberdade e se sintam à vontade, é necessário também que tenham segurança e este foi o ponto que Rená Bayonetta<sup>11</sup> e Rodrigo Pará<sup>12</sup> destacaram em suas respostas na entrevista, quando indagades sobre o significado da cultura *Ballroom* em suas vidas. Rená Bayonetta revela que tem um local seguro para seguir sendo quem é de verdade, com pessoas que lhe entendem, que lhe acolhem, um ambiente em que pode ensinar e aprender para evoluir cada dia mais como pessoa. E Rodrigo Pará respondeu a mesma pergunta: “Um espaço seguro para conseguir expressar quem se é de verdade, livre de julgamentos e preconceitos”.

Nas manifestações iniciais da *Ballroom*, as primeiras casas produziam bailes à fantasia que ocorriam no bairro do Harlem, nos quais as *Drag Queens* performaram, competiam e, ao mesmo tempo, acolhiam (SANTOS, 2018).

Na atualidade, a discriminação étnica e sexual, principalmente a corporeidades periféricas e marginalizadas socialmente, ainda se revela e os sofrimentos infringidos pela simples exposição corporal dos membros dessas comunidades se mantêm, embora o passado responda por uma situação abusiva ainda mais grave. Na década de 1970, eram comuns ações policiais e detenções de pessoas nos bailes, pois o encontro de pessoas homossexuais era considerado atentado ao pudor. O objetivo era impedir a propagação de encontros e práticas de pessoas do mesmo sexo, mas o

---

<sup>5</sup> Vide apêndice, página 44.

<sup>6</sup> Vide apêndice, página 53.

<sup>7</sup> Vide apêndice, página 66.

<sup>8</sup> Vide apêndice, página 60.

<sup>9</sup> Vide apêndice, página 66.

<sup>10</sup> Vide apêndice, página 48.

<sup>11</sup> Vide apêndice, página 55.

<sup>12</sup> Vide apêndice, página 63.

efeito foi o contrário e os bailes passaram a contar com um número cada vez maior de participantes. (SANTOS, 2018)

Andira Angeli, vice-presidenta da Associação Manifesta LGBT, quando questionada sobre o surgimento da Casa Miga, como a primeira casa de acolhimento para LGBTQIA + da região Norte do Brasil, responde que a casa surge com o propósito “de acolher um associado da Associação Manifesta que havia sido expulso de casa, e da consciência de que muitas pessoas da comunidade se encontravam em situação de vulnerabilidade social e em situação de rua. Desde então, a casa já alcançou mais de 200 pessoas para além de abrigo, com apoio de assistência social, apoio psicológico, doações de cestas básicas e outros serviços”<sup>13</sup>

Os bailes (*Balls*) à fantasia contavam com uma presença majoritária de pessoas brancas. Por conta das questões conflituosas relacionadas aos contextos raciais da época, os negres que participavam das categorias competitivas que existiam nos bailes, para concorrer em igualdade, tinham que pintar o rosto para ter a aparência de pessoas brancas e, mesmo assim, era muito raro que ganhassem. (HUGHES, 1993). Com isso, os próprios negres começaram a organizar bailes onde pudessem se sentir integrados e pudessem competir com suas performances com chances reais de obter o prêmio da noite. Para Santos (2018), as *Balls* representavam um ambiente liberto e seguro em que podiam ser quem quisessem. Assim, criando um ambiente de diversão, de estilo de vida, em que as pessoas se sentiam totalmente acolhidas e completas. Por consequência disso, processualmente, as *Balls* se transformaram na cultura *Ballroom*.

Quando questionado a respeito dos motivos que o teriam levado a procurar uma house (casa) e sua inserção nesta cultura, Rodrigo Pará responde que, inicialmente, o que chamou a atenção para a *Ballroom* “foi a movimentação explosiva, quase hipnotizante, das categorias dançantes (vogue femme, old, new)”<sup>14</sup> e que enxerga a cultura como uma rede de apoio necessária não só para ele, mas para tantas outras pessoas. Por esse motivo, Pará fomenta a cultura em sua cidade, Belém do Pará, na região Norte do Brasil, juntamente com Rená Bayonetta e Rafa Juicy Couture. Sobre o encorajamento à expressividade sem julgamentos nas redes de apoio oferecidas, Rany Hilston, expõe: “Nunca pude ser eu mesma, sempre me colocavam em uma caixa. A

---

<sup>13</sup> Vide apêndice, página 70.

<sup>14</sup> Vide apêndice, página 62 e 63.

cultura *Ballroom* me mostrou essa liberdade que tanto buscava, me mostrou que poderia ser eu mesma e quem eu quisesse ser. Isso mudou a minha vida.”<sup>15</sup>

## 1.1 ASPECTOS ESTRUTURAIS DA CULTURA BALLROOM: HOUSES, BALLS E GÊNEROS

Durante o processo de consolidação da cultura *Ballroom* houve o reconhecimento de algumas configurações estruturais para esta cultura. Estas configurações estavam baseadas em três elementos fundamentais que foram formulados: as *Houses* (as casas), as *Balls* e os gêneros.

### **as houses**

Segundo Sales e Mello (2016), as *Houses* promovem uma organização familiar baseada na afetividade. Para evidenciar o parentesco, termos associados a papéis específicos são utilizados como, por exemplo, *mother* (mãe) e *father* (pai) que são líderes e pessoas que acolhem e cuidam dos outros familiares. É importante salientar que ambos, *mother* e *father*, podem ser de qualquer gênero. Os membros das *houses* têm idades, sexos e etnias variados, sendo a maioria negres e latines, isso a partir da realidade das *Ballrooms* norte-americanas.

É necessário ressaltar que as pessoas que procuram o acolhimento das *Ballrooms* configuram-se, em sua maioria, como corpos marginalizados que nunca tiveram apoio familiar e social.

[...] Essas questões partem do pressuposto de que não podemos tomar como garantido o fato de não haver estrutura ou um apoio que vá sustentar essa vida, o que implica a sua desvalorização como algo que, para os esquemas dominantes de valor, não vale a pena ser apoiado e protegido enquanto vida. O próprio futuro da minha vida depende dessa condição de apoio, então, se não sou apoiado, a minha vida é estabelecida como algo tênue, precário [...]. (BUTLER, 2018, pp. 221 e 222).

---

<sup>15</sup> Vide apêndice, página 47.

Corroborando a afirmação de Judith Butler, sem esse apoio não há “pertencimento”, palavra sugerida pelas entrevistadas Legildu<sup>16</sup>, Lunna Montty<sup>17</sup> e Simas Zion<sup>18</sup>, a partir da pergunta da entrevista: “Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?”. Esta palavra traduz o desejo de “pertencimento” a uma família com que se possa contar, tanto dentro, quanto fora do contexto da *Ballroom*. Palavra que expressa também o desejo pela liberdade de expressão pelas trocas de vivências reais.

Dessa forma, as *Houses* funcionavam como uma reestruturação literal de “lares”, no sentido de que estes grupos se tornaram famílias reais para pessoas que muitas vezes eram expulsas das suas famílias biológicas ou não aceitas por elas. No entanto, algumas dessas pessoas ainda estavam conectadas aos seus lares mas, ainda assim, procuravam a proteção, os cuidados e o amor que as casas de rua lhes ofereciam.

Hoje em dia, a palavra “casa” é empregada no sentido figurado, pois praticamente não há espaços físicos de acolhimento, mas uma estrutura social e cultural de apoio; casas são coletivos e não mais lares no sentido literal. Porém, os pais devem se conscientizar de que estar nesse lugar é uma responsabilidade, desde o convite a seus filhos até a definição do objetivo da casa. Ainda que de forma figurada, o sentimento de segurança e de acolhimento em relação às “casas” se mantém presente. Juan Silva<sup>19</sup> afirma, sobre sua motivação em buscar uma *House*, que criou fortes laços com a cultura e hoje vê a sua casa como um espaço/ambiente de acolhimento e empoderamento.

A primeira *House* foi concebida em 1972, a *House of LaBeija*, por uma *Drag Queen* negra chamada Crystal LaBeija, a partir da qual formou-se também sua própria *Ball* (LAWRENCE, 2011). A casa abrigava membros da comunidade gay e transexual dentre negres e latines e, assim, Crystal deu início à cultura das casas.

A partir de sua iniciativa, formaram-se a *House of Ninja*, *House of Xtravaganza*, entre outras. Es integrantes, quando vão às *Balls*, utilizam o nome da *House* como o seu sobrenome, como por exemplo: se meu nome artístico é Isabelle e participo da

---

<sup>16</sup> Vide apêndice, página 60.

<sup>17</sup> Vide apêndice, página 61.

<sup>18</sup> Vide apêndice, página 53.

<sup>19</sup> Vide apêndice, página 45.

*House of LaBeija*, então meu nome na *Ball*, ou se quiser assumi-lo como o nome artístico, passa a ser Isabelle LaBeija.

Marcando presença da dança Vogue no meio acadêmico formal, Mei Jilian, na entrevista realizada, revela que sua entrada numa house, a convite de Edson Vogue<sup>20</sup>, aconteceu por influência das aulas realizadas com Vogue quando da feitura de seu trabalho de conclusão do Curso de Teatro da Universidade Federal de Pernambuco, intitulado *Mei Jinlian: Quando a Drag Queen se une ao Teatro Chinês*.<sup>21</sup>

Houses também podem ser formadas de forma espontânea, como afirma Rená Bayonetta: “Afinidade mesmo. Não era um planejamento criar minha *House*, foi acontecendo naturalmente por causa das minhas filhas que foram agregando, surgindo, participando, treinando juntas, e nunca foi sobre competição, foi sobre apoio mútuo [...]”<sup>22</sup>

### **as balls**

As *Balls* são realizadas pelas *Houses* e as participantes podem representar sua *House* ou participarem em pequenos grupos, que não se inserem em uma *House* ou são indivíduos que fazem parte do meio LGBTQIA+, e que concorrem a algumas categorias oferecidas. Nesse caso, de não pertencimento a uma *House* específica, e indivíduo é nomeado 007; exemplo do nome utilizado na *Ball* ou artístico: Isabelle 007.

Santos (2018, p.88) descreve sua experiência a partir de sua participação em um workshop do pioneiro Archie, trazendo uma fala bastante pertinente do mesmo sobre o conceito de 007. É “[...] uma referência à série de filmes do agente secreto James Bond, ou seja, significando algo como agente secreto.” A *House* de origem do participante é, então, nomeada *Kiki House*. Importante ressaltar que cada país terá as suas cenas das *Ballrooms*, a hierarquia e também as suas *Houses* principais e as *Kiki Houses*.

<sup>20</sup> Acesso ao trabalho completo em:  
[https://drive.google.com/file/d/1JiQmHI-nJCCatbWaJSUHNsd5VdMdhTF/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1JiQmHI-nJCCatbWaJSUHNsd5VdMdhTF/view?usp=share_link)

<sup>21</sup> Acesso ao trabalho completo em:  
<https://drive.google.com/file/d/1Xct9NKPM5xLEAekix2KKZ57Ywi2hSXRQ/view?usp=sharing>

<sup>22</sup> Vide apêndice, página 55.

Em 1970 já existiam as categorias, porém estas não tinham a função e complexidade dos dias atuais. Havia uma categoria chamada *Butch Mod Face*, na qual a pessoa inserida na competição teria que mostrar aos jurades que era machone e masculine, que se vestia bem, que tinha postura de modelo e também exibia um belo rosto. Já no início dos anos de 1980, a categoria em questão foi separada em três categorias: *Butch Realness*, *Models Effect* e *Face*. As categorias seguiram se subdividindo e multiplicando (LAWRENCE, 2011).

### **os gêneros**

Santos (2018) apresenta que as subdivisões das categorias das *Balls* ocorreram para abarcar um sistema de subjetividades de gênero e sexualidade, concebido na comunidade LGBTQUIA+, a cada vez mais complexo, de forma a envolver o máximo de possibilidades de identificação e subjetividade para que um só corpo possa se enquadrar em várias categorias de forma performática. Por esse motivo as categorias são bastante abrangentes, assim oferecendo, a partir da performatividade, maior escuta a identidades sexuais e de gênero a partir da escolha de indivíduo, possibilitando a criação, o reconhecimento e a legitimação.

No entanto, existem categorias que são específicas de acordo com as exigências para aquele gênero determinado, como por exemplo, a categoria *Butch Queen*, em que só podem participar homossexuais cisgêneros ou bissexuais que são ou podem transitar no termo homem machone ou muito feminine. Outro caso é a categoria *Butch*, em que participam somente as lésbicas masculinas ou homens transgêneros ou mulheres que aparentam como homens, independentemente de sua sexualidade.

Es participantes da comunidade LGBTQUIA+ explicitam que o importante não é só participar das competições e ganhar o melhor prêmio da noite. Bailey (2013) afirma que, para além das competições que ocorrem nas *Balls* e das *Houses*, essa cultura significa um estilo de vida no cotidiano dos integrantes das *Ballrooms*. Assim, a identidade de gênero assumida nas performances apresentadas, também é contínua na vida, de forma que o processo identitário não só permanece na comunidade mas é levado para a sociedade.

Durante a entrevista, Afrofutur1st denuncia “a falta de espaços inclusivos e diversos na cidade de Aracaju que celebrem minorias e a comunidade lgbtqia+”<sup>23</sup>, reconhecendo as estruturas da cultura *Ballroom* como muito importantes para o processo de reconhecimento e representatividade desses indivíduos

Na pergunta da entrevista “Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?” Edson Vogue<sup>24</sup> e Lunna Montty<sup>25</sup> responderam “normal”; Rany Hilston<sup>26</sup>, “um pouco limitada”; Yagaga<sup>27</sup>, “era meio comum. [...] acredito que sempre foi como uma sensação de inexistência, fingimento”; Simas Zion,<sup>28</sup> “CIStematica”; Tayomara,<sup>29</sup> “caótica e confusa e, logicamente, sempre silenciada”; Rená Bayonetta,<sup>30</sup> “sentia ainda não ter encontrado um local que realmente me representasse, nem um local que fizesse sentido pra mim como dançarina/aluna” e Tato Takai:<sup>31</sup>

A minha vida ainda parecia estar enraizada nos moldes heteronormativos das sociedades. Eu evitava me expressar de maneira feminina, principalmente pelo julgamento dos outros. Sempre fui criado por mulheres e de alguma forma eu inibia toda a minha feminilidade, que sempre foi minha maior herança.

Com base nessas respostas, em relação à vida comum de pessoas subalternizadas por sua opção sexual e de gênero como as que frequentam as *Houses*, é notório o fato de que a ausência de referências, de apoio ou de uma representatividade efetiva fazem bastante diferença em seu desenvolvimento como seres humanos. Butler (2018, p.164) afirma: “[...] os corpos são formados e sustentados em relação com apoios de infraestrutura (ou sua ausência) e redes sociais e tecnológicas ou teias de relações, não podemos retirar o corpo das relações que o constituem - e essas relações são sempre específicas, tanto econômica quanto historicamente”.

Dentre es entrevistades, 5 pessoas já estavam inseridas na área de dança mas, para além delas, várias outras externalizaram que o encontro com o *Voguing* e a

---

<sup>23</sup> Vide apêndice, página 68.

<sup>24</sup> Vide apêndice, página 44.

<sup>25</sup> Vide apêndice, página 61.

<sup>26</sup> Vide apêndice, página 46.

<sup>27</sup> Vide apêndice, página 48.

<sup>28</sup> Vide apêndice, página 53.

<sup>29</sup> Vide apêndice, página 66.

<sup>30</sup> Vide apêndice, página 55.

<sup>31</sup> Vide apêndice, página 64.

*Ballroom* lhes ocasionaram benefícios como o autoconhecimento, a segurança proporcionada por uma representatividade, a consciência da coletividade, o entendimento de sua identidade de gênero, o empoderamento dos corpos marginalizados socialmente, a inserção na sociedade e uma consciência corporal para dançar voltada para a autonomia.

Juan Silva<sup>32</sup> nos traz, em sua fala, um pouco dos benefícios que esta dança e cultura ocasionaram em sua vida:

Levando em consideração que enquanto uma dança da comunidade LGBTQIA+, tal expressividade carrega consigo um potencial enorme para o empoderamento de corpos marginalizados e estigmatizados, inclusive dentro do próprio contexto da Dança, acredito que o *Voguing*, assim como a *Ballroom* em geral, me ensinou a ressignificar meu corpo e a criar outras possibilidades para estar no mundo. O que antes eu não tinha acesso, uma vez que minhas práticas culturais eram atravessadas tão fortemente pelo contexto LGBTQIA+.

## Capítulo 2: A DANÇA VOGUING

Embora existam outras categorias nas *Balls*, como *Best Dressed* (melhor vestimenta), *Best Makeup* (melhor maquiagem), *Face* (melhor performance de rosto), dentre outras, a mais conhecida é a categoria dançada chamada *Voguing*.

A dança *Voguing* foi reconhecida após o documentário chamado *Paris is Burning*<sup>33</sup> e também através de Madonna, cantora do estilo musical pop, que trouxe em seu videoclipe, chamado *Vogue*<sup>34</sup>, movimentos da dança. Por conta da apropriação realizada pela indústria musical pop, os números das *Houses* só aumentaram e este estilo de dança conquistou muita visibilidade, tornando-se renomado na cultura *Ballroom* e servindo de referência para o público (SANTOS, 2018). No entanto, no momento de reconhecimento e divulgação do *Voguing*, dançarines obtiveram muitas oportunidades de trabalho que não se mantiveram por muito tempo e logo essas pessoas voltaram para as suas vidas, nos guetos.

---

<sup>32</sup> Vide apêndice, página 45.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://youtu.be/mBVBipOI76Q>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://youtu.be/GuJQSAiODqI>

Após essas oportunidades de empregos e perdas das mesmas, a cultura enfrentou outras dificuldades como o surgimento e disseminação da AIDS, sigla utilizada para a síndrome da imunodeficiência adquirida, doença sexualmente transmitida causada pelo vírus HIV, que se proliferou causando a morte das precursoras da *Ballroom* como Willi Ninja (2006), David In Xtravaganza (2001) e Papper Labeija (2003), de acordo com Lawrence (2011).

Segundo Santos (2018), a comunidade *Ballroom* sempre lutou contra as doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a AIDS. A luta se manifesta de várias formas, como a realização de *Balls* com o intuito de conscientizar os participantes e também arrecadar dinheiro para promover campanhas. Após o falecimento dessas grandes personalidades, vieram outras que nos dias de hoje ainda fomentam a importância desta cultura como Leiomý Maldonado, Dashaun Wesley, entre outras.

Um dos entrevistados, chamado Fênix Negra, deliberou sua experiência com a cultura *Ballroom* entrelaçada com a soropositividade, em resposta ao questionamento sobre a importância da Cultura *Ballroom* e do *Voguing* em sua vida. Negra afirma: “são parte do meu renascimento, quando ingressei na *Ballroom* em 2017, eu ia completar 2 anos de soropositividade e tinha perdido alguém que amei pra Aids. A Zion (The Iconic House Of Zion) e os bailes me ajudaram a lidar com essa demanda.”<sup>35</sup>

Na *Ballroom*, há também a possibilidade de pôr em prática não só as vertentes artísticas de seus participantes, mas de interligar assuntos transversais à cultura. Como Negra, que reconhece que, após o entendimento melhor da cultura, começou a participar e promover ações com a dança *Voguing*, incluindo a promoção de conhecimentos sobre a área da saúde em sua comunidade e fora dela, assim proporcionando a melhoria da informação tanto para pessoas novas quanto para quem já habita esse ambiente.<sup>36</sup>

Além da informação que é propagada, ocorrem também parcerias. Como a *Casa Miga*, que admitiu, em entrevista, a parceria com a *Ballroom Manaus*. Sobre o início desta parceria, a Vice-presidenta da Associação Manifesta LGBT, Andira Angeli, afirma que “alguns acolhidos fazem parte da comunidade *Ballroom* e trazem essa vivência

---

<sup>35</sup> Vide apêndice, página 50 e 51.

<sup>36</sup> Vide apêndice, página 50.

para dentro da casa”<sup>37</sup>. Essa ligação e a vivência dela decorrente trouxeram algo novo para a casa de acolhimento. Sobre a associação com especificamente com o *Voguing*, foi respondido que “a *Casa Miga* realizou a primeira *Ball de Halloween* da cidade em parceria com a *House of Astra*, e esse foi o primeiro contato entre a casa e a comunidade *Ballroom*”.<sup>38</sup>

Sobre o *Voguing*, é falado entre os grupos de pessoas inseridos nesta cultura, a respeito de várias versões sobre o seu surgimento. Uma dessas versões afirma que, nas celas da prisão de Rikers Island, em Nova York, *gays negres* estavam presos devido à perseguição policial nos bares e boates da cidade e, nessa situação, tinham acesso à leitura de apenas dois títulos de revista: *Playboy* ou *Vogue*. Narra a hipótese, que essas pessoas reproduziam em seus corpos as poses das modelos das revistas, “batalhando” entre si e, posteriormente, quando livres, inseriram os movimentos nos bailes, criando uma sequência de movimentos que se transformou em dança.

Segundo Lawrence (2011), há outra versão sobre o surgimento: o *Voguing* teria começado em um clube com o nome *Footsteps* e Paris Dupree estava presente. Num grupo de *Queens* negras, elas soltavam *shades*, ou provocações, umas para as outras. “[...] throwing shade, ou seja, uma atitude de insultar o seu competidor rival de uma maneira sutil, utilizando, muitas vezes, da ironia ou apenas de movimentos corporais que coloque o outro participante em posição inferior.” (SANTOS, 2011, p. 21)

Paris Dupree estaria dançando quando tirou de sua bolsa um exemplar da revista *Vogue*, abriu-o e imitou a pose da modelo simultaneamente com a batida da música e, assim, sucessivamente, até que outra *Queen* soltou *shade* e elas terminaram batalhando. Assim, o movimento foi sendo reproduzido em outras *Balls* e antes de ser chamado de *Voguing*, por conta da revista, tinha o nome de *Posing*, por conta das poses realizadas.

Segundo o pioneiro *Voguer* nomeado Willi Ninja (1961-2006), esta dança expressa a pantomima na qual se narra o que se deseja ou o que se está sentindo com o corpo. A dança agrega os hieróglifos do Egito antigo e transpassa precisão na hora de fazer as poses utilizando-se, ainda, de passos de *Breaking* que exigem muita força

---

<sup>37</sup> Vide apêndice, página 71.

<sup>38</sup> Vide apêndice, página 70.

na execução das poses realizadas no chão de forma a apresentar nitidamente as linhas corporais ou poses. (PARIS IS BURNING, 1990).

A dança *Voguing* é pioneira, entretanto, a música surge logo depois: “[...] DJs da cena noturna de Nova York e os membros dos *Ballrooms* viam os clubes e discotecas um espaço às vezes mais adequado para treinarem e aprimorarem seus movimentos de *Voguing*” (SANTOS, 2018, p. 22). Nas *Balls* também existe “o Mc da competição, indivíduo que dentro das competições realizadas no *Ball* tem papel protagonista já que, conforme profere expressões e rimas já ritualizadas dentro dos *Ballrooms*”. (SANTOS, 2018, p. 94)

Bailey (2013) afirma existirem subdivisões na dança *Voguing*. São elas: *Old Way*, *New Way*, que se refere ao estilo próprio do começo dos anos 1990, e o “*Vogue Fem*, onde fem é derivado do francês *femme* que significa mulher.” (SANTOS, 2011, p. 85). Nesta última dança, existem duas vertentes que podem ser dançadas, o *Soft and Cunt* que são movimentos mais suaves, contínuos e sensuais; e o *Dramatic* que são movimentos mais rápidos, com giros e quedas bruscas.

### Capítulo 3: O VOGUING E A CULTURA BALLROOM NO BRASIL

A sociedade brasileira, desde a sua organização e conformação social, trás na sua estrutura, assim como na sociedade norteamericana, preconceitos e formas de discriminação social, política, econômica e de gênero.

Estas formas de preconceitos se materializam inclusive através de ações do Estado, por consequência de ser monopolizado pela elite política. Assim favorecendo uma classe e desfavorecendo outras, negando a legitimidade desses múltiplos grupos identitários e facilitando as possibilidades de práticas discriminatórias e preconceituosas.

“[...] mulheres, negros e homossexuais, além de outras tantas ditas ‘minorias’, organizaram-se em movimentos cujo objetivo era, genericamente, a superação dessas situações de desqualificação identitária e sofrimento existencial impostas pela sociedade ao não reconhecer as diferenças e especificidades.” (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p.120)

Por consequência dessas ações sociais e de Estado, esses grupos excluídos pela sociedade tiveram a necessidade de se juntar e fortalecer. O *Voguing* e a sua

cultura representam uma forma de superação e de conquista de mais espaço, de representatividade e de direitos.

Como afirmado anteriormente, na década de 1970 os encontros de homossexuais eram proibidos, com isso o preconceito antes era demasiado. Na atualidade, embora o preconceito se mantenha presente e determinante para os modos de vida dessas pessoas, os grupos LGBTQIA+ estão ganhando cada vez mais espaço. Existem projetos de leis e direitos, tais como a Lei nº 7 716/89, que dita que: “Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. (PLANALTO,1989, on-line). Além de existirem centros de acolhimentos

[...] “tem crescido no Brasil as experiências de casas organizadas e financiadas pela própria militância e pela sociedade civil. No país, nove centros de sociabilidade compõem a Rede Brasileira de Casas de Acolhimento LGBTQIA, com instituições em Aracajú (SE), Belo Horizonte (MG), Manaus (AM), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP)”. (BELÉM, 2020, on-line).

Conclui-se que, as *Houses* são ligadas a um grupo de pessoas que se consideram como família e agem como tal.

No Brasil a curiosidade por essa dança/cultura, *Voguing/Ballroom*, foi despertada a partir dos anos 2000, por meio do surgimento dos pioneiros. Fênix Negra, pioneira da cena de Alagoas, afirma que os profissionais das Danças Urbanas tiveram a oportunidade de participar de *workshops* de *Voguing* com os lendários nomes da *Ballroom* de Nova York. Nesta época, o *Voguing* ocorria em Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e, principalmente, em São Paulo. Esses lugares são os principais centros da *Ballroom* no Brasil.

Negra escreveu em uma das publicações no *Instagram* oficial da *NONE (Norte e Nordeste) Ballroom*, que se configura como fonte de referência frequente sobre a história da cultura, do *Voguing*, das *Balls* que irão ocorrer nas duas regiões, das lives realizadas e entre outros assuntos afins, que o *Youtube* foi um instrumento notório de promoção do contato do Brasil com as *Balls* através do *Voguing*, praticado de forma amadora por grupos de dança, como o *Apotheose of Dance*<sup>39</sup>, em Goiânia. Es

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fRudMJQRIIY>. Este vídeo ocorreu em 1996.

membros do referido grupo executavam movimentos de *Hands Performance* (performance com as mãos) que lembram duas vertentes do *Voguing*, o *Old Way* e o *New Way*.

A pioneira destaca as três *Kiki Houses* que realizaram as primeiras *Balls* na cena *kiki* do Brasil; são elas: *Pionner Kiki House of Hands Up* em Brasília (originada pela *Pioneer Mother* Kona Zion entre 2012 e 2013); *Pioneer Kiki House of Cazul* no Rio de Janeiro (originada pelo *Pioneer Father* Overall Diego Cazul e a *Pioneer Mother* Overall Lua Cazul em 2015) e, no mesmo local e ano, foi originada a *Pioneer Kiki House of Kinisi*.

As precursoras da cena *Ballroom*, principalmente da dança *Voguing*, em Belo Horizonte e, conseqüentemente, no Brasil, foram as integrantes do *Trio Lipstick*, que fazem parte da *House of Afrodite*. Segundo Santos (2018), este trio teve seu início em 2011 e é formado por Paula Zaidan, Tetê Moreira e Raquel Parreira. Além do compromisso com a disseminação da cultura no país, o *Trio Lipstick* também participou da organização do evento internacional mais importante do Brasil, chamado *BH Vogue Fever*, que está na sua terceira edição. O evento é composto por uma *Ball* e múltiplos *Workshops*, que contam com a participação dos membros mais importantes e famosos da *Ballroom*, como *Icons* e *Legendarys*<sup>40</sup>, na posição de júris e professores de algumas aulas, trazendo os seus estudos da cultura para o Brasil. Foi precisamente nesse evento, que o país vivenciou as primeiras *Balls*.

### 3.1 O VOGUING E A CULTURA BALLROOM NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Como não há uma base histórica escrita e legitimada de como o *Voguing* e a *Ballroom* surgiram no Norte e no Nordeste, as informações chegaram até esta pesquisa por meio das entrevistas realizadas através dos *formulários google* para todos os participantes. Outra fonte de conhecimento a esse respeito, como já citado anteriormente, é o *Instagram* oficial da *NONE (Norte e Nordeste) Ballroom*.

---

<sup>40</sup> *Icons* e *Legendarys* são alguns dos status que a cultura *Ballroom* apresenta. Tratam-se de pessoas que fomentam e que impactam no seu estado, criando momentos inesquecíveis. *Icons* (ícones) são aqueles membros que estão fomentando a cultura entre 15 a 20 anos, já os *Legendarys* (legendários) são aqueles membros que estão fomentando a cultura entre 10 a 15 anos.

Para saber como o movimento se iniciou no Nordeste, temos os depoimentos de Rany Hilston, Edson Vogue, Mei Jilian, Afrofutur1st, Lunna Montty, Fênix Negra, Sara Diamond, Tato Takai, Tayomara Di Monique e Yagaga.

Iniciamos, então, em Pernambuco, com a resposta de Rany Hilston (Espanha - Madrid) que morava em Recife, depois foi para São Paulo e depois para Madrid, ambas as mudanças por motivo de trabalho. Hilston conta que em 2013, viu Edson Vogue dançar e lhe chamou a atenção, pois na época, só havia grupos de danças urbanas. Ainda em 2013, foi para o evento *RioH2K*, Festival Internacional de Dança, na cidade do Rio de Janeiro, que foi onde entendeu a dança e estudou na cidade por 2 anos. Em 2015, teve seu primeiro contato com a cultura *Ballroom* no Rio Grande do Sul no evento *Open Extreme*, com Thiago Basseto, que teria explicado tudo sobre a cultura, o que permitiu que Hilston se aprofundasse em seus estudos. Em 2015 e 2016, começou a ministrar aulas de *Voguing* em um estúdio de dança em Recife e se recorda que era só ela que ministrava aulas desse estilo. Em 2016, a cultura *Ballroom* se inseria em Pernambuco, através do contato entre Edson Vogue e o *Trio Lipstick*, como já citado nesta pesquisa. Conforme Hilston, teria ocorrido, então, a primeira batalha de *Voguing* de Pernambuco, que teria sido ganha por ela mesma e, a partir desse dia, juntamente com a ajuda do Trio, foi-se realizando a cultura *Ballroom* de Pernambuco. Hilston afirma também, não saber como essa cultura chegou ao interior de Pernambuco.

Edson Vogue (Pernambuco - Recife) recorda ter conhecido o *Voguing* em 2008, mas reconhece que a cena só pôde ser consagrada em 2016 com a vinda do *Trio Lipstick*. Vogue afirma que, nessa ocasião, já tinha a sua casa, embora ela não estivesse sendo ainda divulgada, pois estava acertando os conceitos. O *Coletivo Vogue 4 Recife* teria sido criado antes do *Lipstick* vir a Pernambuco. Este coletivo abarca hoje: a *House of Guerreiras* (mãe Edson Vogue), a *House of Kunoichis* (mãe Kunoichi Yuri; na época era *House of Quartzo*) e a *Haus of China* (mãe Mei Jilian; nesta mesma época, Mei Jilian era filho de Vogue).

Havia ainda a *House Ayanami* que mantinha as suas pesquisas, embora não se conhecessem, estabelecendo contato apenas em 2013. Depois do encontro com o *Trio Lipstick*, Vogue e o seu grupo se juntavam para fazer treinos que ocorriam no Parque da Jaqueira, no Recife, e Rany Hilston treinava no Parque Dona Lindu, na mesma cidade. Logo depois, foram expulsos do Parque da Jaqueira e ocuparam a Praça do

Hipódromo, onde fizeram treinos abertos e eventos até o início da pandemia do Covid 19. Depois de cada um ter originado a sua casa, continuaram divulgando textos, tanto em suas casas quanto no coletivo, e outras informações pertinentes ao contexto *Ballroom*.

Vale ressaltar que as 3 Houses: a *Casa de Mandacaru*, a *House of Guerreiras* e a *House of Kunoichis*, são algumas das casas Pioneiras no Brasil.

O instagram oficial da *NONE Ballroom*, divulgou em uma publicação como se iniciou a cultura *Ballroom* no Nordeste:

[...] a Ballroom inicia na região Nordeste com a pioneer mother Edson Vogue, natural de Recife/PE, é [...] conhecido pelo estudo que propõe hibridismo da dança do frevo com o voguing. Edson conheceu a dança vogue em 2008 através da cantora Madonna, mas seu primeiro contato com o vogue foi com o Trio feminino Lipstick de Belo Horizonte, além delas, estudou com Aviance Yamamoto, Lea Vlamos Ninja, Tati Mugler, Arthur Mugler e Precious Ebony. A categoria que a pioneer caminha é vogue old way. Após o evento Vogue Fever em 2016 realizado pelo Trio Lipstick de Belo Horizonte em Recife/Olinda foi iniciado o coletivo de estudos Vogue4Recife. A partir dessa movimentação surgiram as casas: Kiki House of Guerreiras, Kiki House of Quartzo, hoje denominada Kiki House of Kunoichis, paralelo a esse acontecimento fundou-se a Kiki House of Pussytivismo, que hoje é denominada a Casa de Mandacaru, inicialmente como um grupo feminino de danças urbanas, que logo se estruturou enquanto casa e parte da Ballroom local. Desde de 2018 surgiram a Kiki Haus of China, Kiki House of Eccentric e Kiki House of Mortífera (que está fechada no momento).

E por último, mas não menos importante, temos Mei Jilian (Pernambuco - Recife). Jilian afirma ter iniciado seu projeto com o pioneiro Edson Vogue e que o mesmo pesquisava sobre a cultura *Ballroom* em uma *lan house*, anotava o que pesquisava e treinava em casa, o que originou a criação da *House of Guerreiras*. Em 2016, Jilian estava fazendo sua monografia de conclusão do Curso de Teatro da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, e contou com a ajuda de Vogue; foi quando Vogue decidiu convidar Jilian para ser seu filho. No mesmo ano de 2016, ocorreu o evento chamado *Coquetel Molotov*, onde o *Trio Lipstick* promoveu uma oficina e uma "mini ball". A partir deste momento a cena no Nordeste teria seu início, o que vem a corroborar a leitura de Hilston .

Também em 2016, ocorreram as ocupações das universidades e escolas públicas por parte dos estudantes em todo o Brasil, que exigiam melhores condições de ensino e se opunham às medidas provisórias lançadas pelo governo federal, uma para as políticas públicas de investimento na educação e outra referente à reforma do ensino médio no país; ambas as medidas representaram um retrocesso na história da educação nacional. Edson Vogue, Ayanami Kunoichi e Mei Jinlian foram convidados para ministrar uma oficina de *Voguing* na ocupação da Universidade Federal de Pernambuco no Centro de Artes e Comunicação, CAC - UFPE. Foi neste momento que os referidos artistas perceberam uma introdução ao coletivo *Vogue4Recife*.

Em seguida, surgiu outra oportunidade de ministrar uma oficina em uma escola que também estava sendo ocupada, no bairro da Torre, também na cidade do Recife e, então, começaram a perceber o potencial para iniciar um fomento sobre a cultura *Ballroom*. Em 2017, a antiga *House of Quartzo* e a *House of Guerreiras* começaram a articular treinos de *Voguing* e de *Runway* no Parque da Jaqueira, onde os grupos de k-pop cover de Recife também ensaiavam. Por passarem por muitos problemas com a direção do parque, que criava regras/decretos proibindo a utilização de som e parava os treinos para pedir que saíssem do espaço, as *Houses* foram para a Praça do Hipódromo, onde os *Guerreiros do Paço*<sup>41</sup> têm as suas aulas de frevo. As *Houses* permaneceram neste espaço até o início de 2020, mas interromperam as atividades por conta da pandemia do Covid 19. Em 2022, enquanto esta pesquisa está sendo desenvolvida, como a maioria das pessoas da faixa etária do coletivo está devidamente vacinada, retomou os treinos no Parque Urbano da Macaxeira, no Recife.

Como representante da cidade de Aracaju, no estado de Sergipe, temos Johnatan Rezende (Afrofutur1st): “[...] e no Pajubá, dialeto criado pela comunidade LGBTQiA+ e que utiliza termos de origem nagô e iorubá; nasceu a *Lady Bixa*.”

*Lady Bixa* é um evento pioneiro no estado de Sergipe, referente à cultura *Ballroom*, que iniciou suas atividades em novembro de 2019 e em janeiro de 2020 estreou em Aracaju/SE, o baile de celebração ao espírito *Queer*, enaltecendo não só as

---

<sup>41</sup> O grupo *Guerreiros do Passo* foi fundado em 2005. Os discípulos do Mestre Nascimento do Passo, que eram professores da Escola Municipal de Frevo do Recife, criaram o grupo, porém foram retirados de suas atividades na Escola por determinação da diretora do estabelecimento. Os encontros com oficinas de dança são realizados em espaços públicos nas cidades de Olinda e Recife. Disponível em: <http://www.guerreirosdopasso.com.br/p/breve-historico-do-grupo.html?zx=ea39323d14a8eed8>

identidades e expressões da comunidade e cultura LGBTQiA+, mas também o amor, o respeito e o direito de manifestação de cada indivíduo. Trata-se de um dos primeiros eventos a ser realizado em Aracaju com o intuito de celebrar a Cultura *Ballroom*. A *Lady Bixa* teve, em sua primeira edição, o *POP Eclético* como estilo condutor e contou com uma programação vasta e diversa com artistas LGBTQiA+ da nova geração como a Isis Broken, vencedora do MVF na categoria Melhor Figurino em Videoclipe Nacional. Além disso, houve a presença da *Previna Móvel*, disponibilizada pela Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju, que ofereceu o diagnóstico rápido e gratuito de infecções sexualmente transmissíveis - IST; a *Feirinha Baphoo* onde, através de parceria com microempreendedores do estado, foram vendidos produtos destinados à comunidade *Queer* e uma *Ball* com direito a maravilhosos jurades e troféus.

Pensando na importância da construção, formação de público e na relevância de fomentar a cultura *Ballroom*, a *Lady Bixa* lançou em julho de 2021, o *Workshop Ballroom* com Afrofutur1st, cujo objetivo foi difundir a cultura *Ballroom* no estado de Sergipe, por meio de uma vivência com duração de mais de 30 horas. O workshop foi também um projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc e teve como conteúdo práticas físicas de alongamento e partituras coreográficas, mas também uma imersão na cultura *Ballroom*, em que foram abordadas não só vivência em *Voguing*, mas seu contexto histórico; os diversos parâmetros artísticos e estéticos das *Balls*; além da inserção de elementos brasileiros e promoção de *Balls* como parte fundamental da experiência. Afrofutur1st, através da *Lady Bixa*, criou a *Casa DiBarro*<sup>42</sup>. Com o objetivo de estabelecer uma identidade e legado da cultura *Ballroom* no estado e no Nordeste, a primeira *House* do estado de Sergipe, nasce através do interesse de um grupo de jovens ativistas LGBTQiA+ em construir um espaço seguro para a celebração das suas identidades e expressões artísticas.

Lunna Montty (Salvador - Bahia) afirma que a iniciação da cultura *Ballroom* na Bahia se deu no final de 2019 e no começo de 2020, quando a pandemia do Covid 19 estava ocorrendo. A cultura é disseminada de modo remoto, fomentada pela criação da

---

<sup>42</sup> Afrofutur1st conta que o nome surgiu em razão da capacidade modeladora do barro, no sentido da gente poder se moldar e criar nossa própria aparência e identidade através da nossa cultura e ancestralidade. O barro é de fundamental importância no cerne da construção identitária da cultura nordestina e afro-brasileira e de acordo com as tradições africanas, é considerado fonte de toda a vida. Vide apêndice, página 66.

página no *Instagram* que se chama *Ballroom Bahia*, que tem como objetivo registrar a história que vem sendo construída através das *Houses* e das pessoas que estão contribuindo para a difusão e expansão dessa cultura no estado. Montty foi para o *BH Vogue Fever*, onde estudou a cultura, e quando voltou, originou sua casa chamada *House of Afrobapho*. Neste estado existem 3 casas: a *House of Tremme* (fathers: Lip Moreira, Caique Melo e Ian), *House of Astra* (a casa está fechada, até então) e *House of Afrobapho* (mãe Lunna Montty), que se iniciaram a partir das inspirações de outras casas do Nordeste.

Fênix Negra (Alagoas - Maceió), através de um concurso de Jazz, ganhou uma bolsa de estudos para o curso de férias no Grupo Raça (SP). Em São Paulo conheceu o *Voguing*, que lhe causou grande impacto de forma a escolher esta dança/cultura para a vida. Assim que retornou para Alagoas, originou um grupo de Danças Urbanas cujo intuito era falar sobre a comunidade LGBT e as questões que envolvem este grupo, principalmente questões raciais. Em 2015, realizou um projeto através de um programa de iniciação artística na Universidade Federal de Alagoas sobre *Waacking* e *Voguing* e pôde estudar melhor a comunidade *Ballroom*. No mesmo ano, descobriu que era HIV positivo e, a partir do diagnóstico, soube que havia um lugar na comunidade *Ballroom* para pessoas com HIV. Em 2018, Negra estabelece parceria com Sara Diamond (Alagoas - Maceió) e em 2019, é convidada para ser jurada na *Ball Vera VERÃO* em São Paulo. Ambas, Negra e Diamond, seguem para São Paulo para batalhar no evento, o que consideram como um marco para a abertura para a primeira *House* da comunidade *Ballroom* de Alagoas chamada *Muzi*, porque quando retornam, sentem a necessidade de compartilhar o que vivenciaram. Em 2020, ocorre a pandemia e Negra afirma ser este um momento histórico na cultura *Ballroom* brasileira, pois há uma movimentação da comunidade negra na qual Negra também está inserida. Em seguida, ocorre uma movimentação da comunidade específica do Norte e Nordeste, que se mantém fomentando a cultura no Brasil.

Diamond afirma que, em 2015, junto com Negra, começa a entender o corpo como um ato político. Em 2016 ingressa na Universidade Federal de Alagoas no curso de Licenciatura em Dança, onde acessa e desenvolve estudos sobre dança, gênero, identidade étnico racial e sexualidade. A partir disso, juntamente com um coletivo de que participa, consegue impulsionar essas discussões que foram importantes para seu

crescimento pessoal. No mesmo ano de 2016, já estava iniciada com a dança *Voguing*. Em 2017, Negra vai a São Paulo e Diamond assume o coletivo de que ambas participavam. Ocorriam muitas trocas de estudos virtualmente entre as duas, sobre a comunidade *Ballroom*, a dança e afins. Diamond conta que se identificou muito com a comunidade, por ser um lugar para corpos políticos. No final de 2018, Diamond viaja para Recife onde participa da *Hellcife Ball* organizada pelo *Trio Lipstick* e conhece pessoas que são referências como Félix Pimenta, Makayla Sabino e Edson Vogue. Neste evento, pôde vivenciar uma *Ball* e entrou pela primeira vez para batalhar na categoria *Virgin Vogue*. Com a volta de Negra, as duas podem pôr em prática esse corpo político através da comunidade *Ballroom*. Em 2019, viaja para São Paulo e participa da *Ball Vera Verão*, como já mencionado anteriormente, organizada pela *House of Zion*, e lá se sente parte da cultura e pode experienciar o que estuda e o que acredita. Com a abertura da *House of Muzi*, Diamond e Negra abrem as portas para adotar filhas, fomentando cada vez mais a cultura. Na casa, ministram muitas oficinas e treinos abertos. Em 2020, produzem material que vão disponibilizar aos poucos nas redes sociais. Diamond também fomenta a comunidade Norte e Nordeste.

Tato Takai (Rio Grande do Norte - Natal) conhece o *Voguing* em 2016, por intermédio de Manu Cobra, que atua na cena do RN como performer e é uma das fundadoras da *Casa de Kamikaze*. Takai afirma que, nessa época, poucas pessoas conheciam a dança no estado. Entrou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no curso de Licenciatura em Dança, e continuou a estudar e fomentar a cultura e a dança através do projeto de extensão *ABC Hip-hop Class*, idealizado por Kamal Firmino Samuel Oliveira. No projeto, os alunos do curso poderiam colocar em prática propostas de ensino e aprendizagem com base nas Danças Urbanas e Takai foi o primeiro em Natal a ministrar aulas de *Voguing* e fomentar a cultura *Ballroom*. Posteriormente, seguiu divulgando a dança pelas redes sociais e foram aparecendo mais pessoas interessadas em praticá-la. Takai sempre priorizou as oficinas e aulas da dança para que as pessoas pudessem praticar e colocar suas expressões e performances nas batalhas. Em 2019, promoveu uma *Kiki Ball* com o intuito de aproximar o público interessado ao que realmente seria uma batalha de *Voguing*. Houve outros implicados na iniciação da cultura dos bailes no Rio Grande do Norte, como o *Coletivo Ninho de Guabiru*. Nesse momento, os eventos não se aproximavam

muito do que realmente é um baile ou uma batalha, mas aconteciam de acordo com as ferramentas que tinham. Devido à pandemia do Covid 19 no Brasil e no mundo, que se inicia em 2020, os trabalhos foram interrompidos mas já tiveram seu retorno por meio de oficinas e treinos abertos mediados por Takai na UFRN, tendo como base de pesquisa o *Voguing*. Takai afirma: “a cena ballroom aqui em Natal/RN ainda está engatinhando a passos lentos”<sup>43</sup>.

Tayomara Di Monique (Teresina - Piauí) afirma que o movimento da dança *Voguing* em seu estado começa entre 2018 e 2019, com o *Junta Festival*, onde teve uma aula de *Voguing*. No meio do ano de 2019, ocorre uma semana de oficinas de Danças Urbanas mediadas por pessoas dessa área de dança, incluindo algumas que haviam participado do mesmo festival. Através dessas vivências, Monique tem sua segunda experiência com o *Voguing*. No início de 2018, na Universidade de Brasília (UNB), presencia uma batalha de *Voguing*. Depois das vivências com as Danças Urbanas, algumas pessoas começam a treinar no espaço *Memorial Esperança García*, onde estudam o *Voguing* e a cultura *Ballroom*. No início de 2020, Peste Nêga, Ariel Eloi e Ayra Dias convidam Monique para participar da *Casa Di Monique* e, logo depois, outras casas vão surgindo.

Yagaga (Ceará - Fortaleza) afirma que em 2016/2017 existiam grupos de pessoas que admiravam o *Voguing*, mas ainda não sabiam da comunidade em seu estado. Por toda a barreira de informações e linguística, não conseguiam realizar *Balls* de uma forma correta. Em 2018, surge o Coletivo *Becha Cearense*, que promove uma *Ball*, considerada a primeira e verdadeira *Ball* de Fortaleza. Desde então, aconteceram algumas performances e participações do *Coletivo* em outros espaços, o que vem trazendo novas pessoas para a cena.

Para saber como a cultura *Ballroom* se iniciou no Norte, temos a contribuição de Simas Zion, Rená Bayonetta e Juan Silva. Legildu, embora questionado, não se pronunciou a esse respeito.

Simas Zion (Amazonas - Manaus) afirma que no Norte em geral, existem duas cenas atuantes que estão nos estados do Amazonas e Pará. No Amazonas, na cidade de Manaus, a dança *Voguing* surge através dos grupos de Danças Urbanas que

---

<sup>43</sup> Vide apêndice, página 65.

pesquisavam danças como *Waacking*, *Voguing*, *Jazz Funk* e outros estilos; mas esses grupos não utilizavam o *Voguing* em si e sim, usavam elementos que faziam a composição. A pesquisa mais profunda do *Voguing* se deu através de um grupo de dança, não nomeado por Zion, por falta de comunicação. Em seguida foram surgindo outros grupos que estavam acrescentando em suas composições coreográficas o *Voguing* e o *Waacking*.

A partir do acesso a esses trabalhos, Zion inicia suas pesquisas em 2017, através do grupo de dança que participava. Esse grupo já trabalhou com *Drags* famosas em Manaus como Pablio Vittar. A partir da visibilidade obtida pelo grupo, Zion inicia sua circulação em busca de outros locais onde pôde conhecer mais a dança e a cultura. A partir desse aprofundamento, começa com as pesquisas e com os treinos abertos, com a ajuda de outros amigos que o apoiavam e que também promoviam trocas de conhecimentos e de estudos. Depois disso, Zion frequentou eventos de grande porte de Danças Urbanas, representando a dança *Voguing*. Assim, outras pessoas que assistiam foram espalhando a informação, se interessando pelo estilo de dança e começaram a aparecer nos treinos abertos e a cultura *Ballroom* foi se consolidando. O sistema de *Houses* surge no estado em 2019. No início, a cena *Ballroom* contava com a participação de 5 a 6 pessoas e, na atualidade, há mais de 20 *Voguers*, dentre eles nomes importantes como Matagal, Odara entre outros.

Rená Bayonetta e Juan Silva (Pará - Belém), em concordância com Rodrigo Pará, afirmam que a introdução e a difusão da dança *Voguing* e da cultura *Ballroom* em Belém se iniciou com o pioneiro Rodrigo Pará, que é filho da *House of Juicy Couture*. Em 2015/2016, ele fazia aulas de Danças Urbanas e formou parceria com alguns de seus professores, até que foi chamado algumas vezes para dar *workshops* de *Voguing* na cidade em eventos/cursos. Em 2017, Tetê Moreira, que é integrante do *Trio Lipstick* e Mãe Pioneira da *House of Barracuda*, esteve em Belém para ministrar um workshop de vivências da *Ballroom*. A partir desse ano, a cena foi se fortalecendo no estado e Pará cria a *House of Jambu*, da qual é o pai, amadrinhada e batizada pela Tetê. Na *Escola Mirai*, foi aberta turma regular de *Voguing* com Pará como professor, e treinavam para se apresentar em espetáculos da escola. Foi no espetáculo chamado *Íris* que uma *House* apresentou o *Voguing* pela primeira vez no palco do teatro Margarida Schivazappa (PA). Neste mesmo ano, Rená Bayonetta (atual mãe da Casa

de *Bayonetta* e filha do Pará Jambu, na época) e a Rafa de Prada (atual filha da *Juicy Couture* e *Legendary* da cena Kiki Brasil, e também filha do Pará, na época) foram para o evento *BH Vogue Fever*, estudar mais sobre a cultura e a dança.

No início de 2018, Tetê Moreira foi novamente a Belém, promovendo outra vivência sobre a cultura. Continuaram treinando e neste ano Bayonetta e Prada foram para o *BH Vogue Fever* novamente, dessa vez juntas com seu pai, Pará Jambu. Além do intensivão de *workshops* com professores pioneiros da cena internacional e imersão nessa cultura, caminharam na *Ball Fim do Mundo*, mas no evento do dia seguinte na *Kiki Ball Baileclava*, promovida pela *House of Caliandra* (já fechada), Pará Jambu e suas filhas caminharam nas categorias *Old Way* e *Vogue Femme*, onde Prada batalhou com pelo menos 7 filhas da *House of Caliandra* até conseguir chegar na final e levar o *Grand Prize* sozinha para a Jambu! A *Legendary ICON Overall Godmother Precious OLd Navy*, que foi *Chanter*<sup>44</sup> nesta *Ball*, nomeou a Rafa de Prada como a primeira *Legendary* da cena *Kiki* nacional. Desde então, a *Ballroom* Brasil começou a se organizar mais em relação a títulos e nomeações de pioneiros da cena *Ballroom* de cada estado, a fim de dar o devido reconhecimento às pessoas que iniciaram o movimento e também àquelas que estão contribuindo com a cena a fim de melhor articular e organizar cada estado, descentralizando e difundindo conhecimento em cada um deles.

Então, em 2019, Prada 007, Bayonetta 007 e Pará 007 fundaram o coletivo *Belém is Burning* - BiB, (referência ao documentário *Paris is Burning* a fim de promover eventos e treinos gratuitos sobre a cultura *Ballroom* e a dança *Voguing* na cidade de Belém, com o objetivo de difundir o conhecimento e atrair cada vez mais público para fazer a cena. Neste ano, o ex-Father Henrique Zathura, que ainda era 007 na época, promoveu duas *Balls* em parceria com *A Festa Profunda* que, segundo Bayonetta, era uma produtora que já não faz mais eventos. As *Balls* foram a *Strike a Pose* e a *Burning Kiki Ball*. Também neste ano, a *Escola Mirai* fez uma parceria com o *Belém is Burning*, cedendo o espaço da Escola aos domingos para que fossem realizados os treinos e aulas da *Ballroom Belém*. Como consequência dessas vivências, grupos foram sendo formados. Em dezembro de 2019, o BiB realizou a primeira *Natalina Ball*, onde a primeira *Kiki House* da cidade surgiu, a *Casa de Maniva*. Também em 2019, abriu-se o

---

<sup>44</sup> *Chanters* são mc's que fazem rimas e raps para agitar a competição.

capítulo<sup>45</sup> da *House of Bodega* em Belém, tendo a *Legendary* Rafa de Prada como mãe, encerrando suas atividades no ano de 2020.

Em abril de 2020, surge a *House of Bayonetta* e, um pouco depois, também a *House of Zathura*, porém, nesse mesmo ano, com o início da pandemia do Covid 19, as atividades do BiB se encerraram. Es integrantes sentiram a necessidade de fortalecer uns aos outros, juntamente com a cena Nordeste, para articular melhor e se unirem, pois até então, sentiam-se marginalizadas em comparação às cenas Sul e Sudeste. Na pandemia, foram organizadas *Balls* e eventos online, como a *Ball do Norte*, e com a expansão da cena, o BiB passou a se chamar *Ballroom Pará*. Neste mesmo ano, foram promovidas várias *Balls*.

Durante o primeiro semestre de 2021, a *Casa de Maniva* chegou a realizar a *Ball Voando pro Pará*, com restrições durante a pandemia, como finalização de um projeto intitulado *Vivências em Voguing e Cultura Ballroom*. Para fortalecimento da cena Norte e Nordeste, também foi criado um *Instagram* para concentrar as informações mais pertinentes, e estreitar laços entre as duas regiões, o @noneballroom. Ainda em abril deste ano, surgiu a *Casa de Meirelles*.

Foi também em 2021, no segundo semestre, que a *Casa de Maniva* retomou o oferecimento de treinos e aulas gratuitas em locais públicos e, posteriormente, em parceria com a *Escola Lumiar de Dança*. No início de dezembro de 2021, a *Ballroom Norte e Nordeste* criou o evento online *Melhores do Ano* para premiar e reconhecer pessoas do Norte e Nordeste importantes para a cena e o fomento da cultura *Ballroom* em suas regiões. Tudo com o intuito de manter a cena viva e fomentar novas *balls* a serem realizadas.

No Norte, as *Houses* que estão funcionando atualmente são: a *House of Meireles* (mãe: Dani Meireles), a *House of Bayonetta* (mãe: Rená Bayonetta) e a *Iconic House of Juicy Couture Brazil* (Pioneira e mãe: Paula Zaidan).

De acordo com as informações coletadas e descritas acima, percebe-se que a cultura *Ballroom* vem se fortalecendo nesses dois estados, Norte e Nordeste. A relação entre os estados está cada vez mais forte e até já existe um *Instagram* chamado

---

<sup>45</sup> Juan Silva explica que uma *House* pode abrir “Capítulos” em outros territórios. Por exemplo, há uma casa internacional chamada *Iconic House of Juicy Couture*, que tem Rodrigo Pará como filho e Rafa de Prada como *Princess*, Ambas, Pará e Prada, são do Pará, e quem lidera essa *House* no Brasil é a Pioneira e mãe Paula Zaidan, que faz parte também do *Trio Lipstick* e da *House of Barracuda*.

*NONE*, que é a junção das siglas dos estados Norte e Nordeste, como já mencionado anteriormente, no qual ocorrem publicações da cultura *Ballroom*, do *Voguing*, divulgações sobre as *balls* que vão ocorrer nos 2 estados, dentre outras informações.

Para realizar o levantamento histórico e o fomento da cultura *Ballroom* de cada estado, elaboramos a seguinte pergunta na entrevista: "Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?". A maioria das respostas teve palavras como "difícil" por Mei Jilian<sup>46</sup>, Rená Bayonetta<sup>47</sup> e Rany Hilston<sup>48</sup>; "desafiador" por Edson Vogue<sup>49</sup> e Juan Silva<sup>50</sup>; "não é fácil" por Diamond Muzi<sup>51</sup> e "cansativo" por Fênix Negra<sup>52</sup>.

Uma das razões para a fomentação não ocorrer de forma legítima, é a falta de auxílio das políticas públicas para o incentivo cultural, financeiro e de espaços inclusivos para esta comunidade, com o propósito do reconhecimento, defesa e propagação desta cultura. Es entrevistades que trazem essa denúncia são Mei Jilian<sup>53</sup>, Fênix Negra<sup>54</sup>, Rená Bayonetta<sup>55</sup>, Afrofutur1st<sup>56</sup> e Juan Silva<sup>57</sup>. Outro ponto apresentado pelas entrevistades foi a pandemia do COVID-19, citada Mei Jilian<sup>58</sup> e Rodrigo Pará<sup>59</sup>, que impossibilitou os encontros presenciais afetando, por exemplo, os treinos e as *Balls* que as casas promovem. Importante, no entanto, ressaltar que a pandemia não parou, efetivamente, as casas; algumas delas se adaptaram e realizaram tanto treinos como *Balls* online, através da plataforma *Instagram*. E é esta dedicação e persistência que incentiva e fortalece as casas num esforço mútuo para a geração de sentimentos positivos, como pode ser constatado na resposta de Yagaga.

É emocionante. Nunca é só uma Ball, a sensação é sempre a mesma, antes de uma aula, uma roda de conversa, uma ação Ballroom. Uma montanha russa de sentimentos e de lutas. É esperançoso, é o que me mantém forte e viva todos os dias, de sentir a emoção de estar ajudando uma cena, não por ter a responsabilidade de fazer isso. Mas por saber que eu amo estar em uma Ball e

---

<sup>46</sup> Vide apêndice, página 42.

<sup>47</sup> Vide apêndice, página 56.

<sup>48</sup> Vide apêndice, página 47.

<sup>49</sup> Vide apêndice, página 44.

<sup>50</sup> Vide apêndice, página 46.

<sup>51</sup> Vide apêndice, página 52.

<sup>52</sup> Vide apêndice, página 51.

<sup>53</sup> Vide apêndice, página 41.

<sup>54</sup> Vide apêndice, página 51.

<sup>55</sup> Vide apêndice, página 56.

<sup>56</sup> Vide apêndice, página 68.

<sup>57</sup> Vide apêndice, página 46.

<sup>58</sup> Vide apêndice, páginas 42.

<sup>59</sup> Vide apêndice, página 63.

sei que quando produzimos Ballroom, as pessoas vão amar estar ali. É além de mim.<sup>60</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender melhor o motivo de ter escolhido o tema desta pesquisa, iniciamos há 4 anos atrás com a minha entrada na Casa de Mandacaru. A partir desse momento, soube que o *Voguing* não é só uma dança descontextualizada, mas englobada em uma cultura muito rica e senti a necessidade de, de alguma forma, auxiliar esta cultura, principalmente em Pernambuco, até que as duas regiões do Brasil, Norte e Nordeste, se juntaram e criaram uma ligação, assim auxiliando uns aos outros.

Dessa forma, este trabalho se origina com o propósito de trazer mais visibilidade para as duas regiões, constituindo-se como um legado sobre como se iniciou a Cultura Ballroom em cada estado, de forma a fomentar sua inserção no mundo acadêmico, o que, conseqüentemente, envolve valorizar corpos periféricos e excluídos pela sociedade, negres e LGBTQIA+, no universo formal de ensino. Desta forma, escrever sobre esses assuntos, significa um ato político.

Por meio da compreensão da historicidade e do quão é importante a cultura *Ballroom* para a construção de uma representatividade para corpos marginalizados pela sociedade, é indispensável a disseminação tanto do discurso quanto de ambientes que incluam e incentivem essas pessoas. Através desta pesquisa, buscamos compreender como a dança *Voguing* e a cultura *Ballroom* podem acolher e transformar vidas. Outro objetivo do trabalho foi colaborar com a construção formal de uma historicidade para a cultura *Ballroom* nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

A partir das informações compartilhadas pelas entrevistades, por meio do questionário realizado de forma remota, é possível constatar que esta cultura/comunidade vai muito além de um espaço de divertimento e acolhimento. Trata-se antes de um estilo de vida que proporciona o afeto muitas vezes negado pelas famílias biológicas dos membros, o que acarreta numa possibilidade de liberdade

---

<sup>60</sup> Vide apêndice, página 49.

expressiva que, por sua vez, gera uma auto aceitação. A autoestima desenvolvida permite conferir outros sentidos para os corpos, permitindo reconhecer e ressignificar potencialidades múltiplas em pessoas que respeitam e valorizam o seu próprio trabalho.

No entanto, para além dos pontos positivos que esta cultura agrega, também há muitos desafios. A maioria des entrevistades apontou as dificuldades no que tange o fomento e o incentivo necessários para a manutenção das *Houses*, das *Balls* e, conseqüentemente, da cultura *Ballroom*. O descaso pode ser devido ao público que frequenta a *Ballroom*, majoritariamente formado por corpos marginalizados e excluídos pela sociedade por sua opção de dissidência sexual e de gênero em relação à normatividade vigente e por serem pessoas negres/pretes que enfrentam diariamente dificuldades sociais e políticas. O que mais pesa também, é a falta de apoio e incentivo cultural e financeiro governamental e de poderes públicos, que visem atender às minorias, para que a sociedade entenda a importância dessa cultura e a respeite.

Atesto o que aqui considero por minha própria experiência com a dança *Voguing* e a cultura *Ballroom*. Minha atuação é bastante significativa e me sinto acolhida por uma segunda família, com a qual posso contar a qualquer hora e dividir momentos únicos. Essa família me proporciona a sensação de segurança comigo mesma em relação a minhas escolhas e até mesmo à roupa que visto nas *Balls*, porque sei que estarei protegida de comentários desagradáveis e julgamentos.

De forma geral, os integrantes expressam que a cultura *Ballroom* agrega em suas vidas conhecimento, aprendizagem, compreensão e compaixão para com as vivências de outres, promovendo consciência social, auto aceitação, liberdade de expressão, empatia, potência corporal, acolhimento e uma visão de vida mais positiva. O legado que a negritude trouxe com a cultura, tanto através dos bailes quanto da comunidade, por meio de muita resistência e persistência, foi uma permissão para sonhar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, M.M. *Butch Queens Up in Pumps: Gender, Performance, and Ballroom Culture in Detroit*. Michigan: The University Of Michigan Press, 2013.

BANDEIRA, LOURDES e BATISTA, ANALÍA SORIA. *Preconceito e discriminação como expressões de violência*. Revista Estudos Feministas [online]. 2002, v. 10, n. 1 [Acessado 20 Junho 2022], pp. 119-141. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>>. Epub 18 Set 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>.

BERTE, Odailso. *VOGUE: dança a partir de relações corpo - imagem*. **Dança**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, Salvador, v. 3, n. 2, p. 69-80, dez. 2014. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/VOGUE%3A-DAN%C3%87A-A-PARTIR-DE-RELA%C3%87%C3%95ES-CORPO-IMAGEM-Bert%C3%A9/d25e7224826fe64aa18f171b6497141de90e444e#paper-header>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 1-266.

DE SALES, N. S.; DE MELLO, J. G. *A voz queer no documentário Paris is Burning*. Passagens, v. 8, n. 1, p. 1-18, 15 set. 2017.

HUGHES, L. *The Big Sea: An Autobiography*. Hill and Wang, 1993, 2nd edition, 1993.

LAWRENCE, T. *Voguing and the Ballroom Scene of New York, 1989-92*. New York, Soul Jazz Books, 2011.

LIMA, E. **CORPO, MÍDIA E CRIAÇÃO**: Uma abordagem sobre os processos criativos da videoinstalação *Faz que vai*. Orientadora: Francini Pontes. 2017. p.46. Monografia (Graduado) - Licenciatura em Dança, Departamento de Artes, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1JiQmHI-nJICCatbWaJSUHNsd5VdMdhTF/view?usp=sharing>. Acesso em: 24 nov. 2022.

PINHEIRO, W. **Mei Jinlian**: Quando a Drag Queen se une ao Teatro Chinês. Orientador: João Leite. 2018. p.68. Monografia (Graduado) - Licenciatura em Teatro, Departamento de Artes, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Xct9NKPM5xLEAekix2KKZ57Ywi2hSXRQ/view?usp=sharing>. Acesso em: 15 set. 2022.

## Fontes

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989. *Portal da Legislação*, Brasília, jan. 1989. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7716compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716compilado.htm) >. Acesso em: 17 mar. 2022.

CARTA CAPITAL. *A ofensiva de estados e municípios contra a linguagem neutra é, além de ilegal, ineficaz.* Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/a-ofensiva-de-estados-e-municipios-contr-a-linguagem-neutra-e-alem-de-ilegal-ineficaz/>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

CASA VOGUE. *Fora de casa: a vida dos LGBTIs expulsos pela família e acolhidos nas ruas.* Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/06/fora-de-casa-vida-do-s-lgbtis-expulsos-pela-familia-e-acolhidos-nas-ruas.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

ECODEBATE. *A definição de cor/raça' do IBGE, artigo de José Eustáquio Diniz Alves.* Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/06/28/a-definicao-de-corraca-do-ibge-artigo-de-jos-e-eustaquio-diniz-alves/> . Acesso em 24 ago. 2022.

OBSERVATÓRIO G. *O que seria uma pessoa travesti?: Muitos mitos cercam o mundo da transexualidade e precisam ser esclarecidos.* Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/colunas/politizah/o-que-seria-uma-pessoa-travesti?msclkid=406670a1b50d11ec9a50989699464a59> . Acesso em: 05 de abr. 2022.

TODO ESTUDO. *Identidade de gênero: O conceito de identidade de gênero mostra as possibilidades sociais de existir em nossa cultura, seja como homem, mulher ou outras.* Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/identidade-de-genero?msclkid=4507bc8db50511eca82c62bb19d961a2> . Acesso em: 05 de abr. 2022.

GRISA, G. *As lições da Nova York da década de 1970.* Instituto Millenium, n. 29 out. 2016. Disponível em: <https://www.institutomillenium.org.br/como-nova-york-superou-a-cri-se-dos-anos-de-1970/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

## FILMOGRAFIA

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. EUA: Art Matters Inc. e Miramax, 1990. 71 min (DVD). Son, Col, Inglês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mBV/BipOI76Q>. Acesso em: 19 mar. 2022.

## APÊNDICE A - Transcrição das entrevistas

### 1 - Resposta de Mei Jilian

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Mother da Kiki Haus of China

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sou figurinista, dançarino, ator e professor de dança e teatro

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Eu sou um artista por natureza, sempre me envolvi em no universo das artes como um todo, então comecei no teatro muito cedo, ainda na escola! As produções eram sempre musicais, sabe aquelas peças de fim de ano de escola? Pois bem. Aos poucos eu fui me destacando e ganhando espaço para ter um papel, uma falinha aqui, outra acolá, acabei virando ator. Em 2013 entrei no curso de licenciatura da UFPE e me encantei muito pelo teatro asiático, em específico o leste e o sul da Ásia (Índia e China) e o que mais me chamou atenção foram os atores transformistas - os homens que interpretavam papéis femininos. A partir desse contato com um fragmento da história do transformismo, comecei a planejar meu TCC enveredando nessa área.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Quando eu montei o projeto de pesquisa do meu TCC intitulado "Mei Jinlian: quando a Drag queen se une ao Teatro Chinês" eu tinha em mente algumas coisas para esse processo que consistia no processo criativo de uma drag que trouxesse inspirações da Ópera de Pequim e da cena drag atual, e um desses passos seria o fato de ter que entrar em contato com a dança! Então entrei em contato com Edson Vogue que já era meu amigo há tempos perguntando sobre as aulas de stiletto dele (isso foi no primeiro semestre de 2016) e ele gentilmente fez um arrumadinho comigo e me deu aulas particulares em troca de uns certificados de carga horária. Eu não estava especificamente procurando aprender voguing, mas quando ele me apresentou essa possibilidade, eu comecei a traçar alguns pontos de similaridade entre o trabalho de arms/hands control e a forma de movimentar os braços da ópera chinesa, notei as similaridades em caminhada - isso por conta da ópera ter muitos elementos com

inspiração direta nas artes marciais, como sabemos, o old way também puxa muito esse lado - e acabei indo mais pro voguing, o que fez com que Edson me adotasse, aí virei oficialmente Jinlian Guerreiras na época. Foi um acidente do destino muito feliz, por que eu tinha zero ambição em me tornar uma drag queen, inclusive isso nem era parte do meu projeto inicial, foi ideia do meu orientador, cheguei até a dizer que não ia me montar normalmente, só durante o babado do TCC. Aí, no período das ocupações das escolas/universidades, eu já estava me montando, e na época o Trio Lipstick veio pra cá por conta do molotov e a gente começou a instigar um movimento aqui, tudo era muito verde, basicamente naquela época só existiam a Guerreiras, e a antiga Quartzo(atual Kunoichi) e a gente começou a fazer oficinas nas ocupações com o Coletivo Vogue 4 Recife. A primeira foi no CAC, a segunda em uma escola na Torre, e não paramos mais. Então eu meio que me inseri com um olhar pesquisador e acabei entrando com tudo nessa cultura, e meio que me tornei a primeira drag queen da cena - que na verdade, tava começando naquele ano.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Bem, como eu falei: é literalmente o trabalho da minha vida! O engraçado é que eu entrei nessa com um foco de terminar tudo, me formar logo mas acabei sequer defendendo o tcc no mesmo ano - até mesmo por conta das ocupações - defendi apenas em 2018. Nessa altura do campeonato: a gente já tinha feito vários showcases, várias oficinas, vários eventos, demos entrevistas, performamos em festas, gravamos clipes, e no fim de 2018 eu criei a minha própria house, a Haus of China - uma house apenas com drag queens - e eu que, até então, era literalmente a única drag queen da cena, me tornei mãe de outras belas que seguem competindo e arrasando nas balls, até ganhando uns grand prizes!

A última ball que frequentei eu comentei isso com alguém: a cultura ballroom pra mim também representa socialização! É eu estar rodeado dos meus amigos, daqueles que são iguais a mim, daqueles que não me julgam, que me conhecem, que respeitam o meu trabalho, meu corpo e a minha história.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Me agrega muito no aspecto performático da minha drag. Estudando e treinando junto a Vogue 4 Recife eu comecei a desenvolver uma corporeidade melhor em cena, comecei a ter um feeling melhor na hora de criar performances, e num geral, no meu trabalho como dançarino, me abriu muitas portas para trabalhos dentro e fora dos palcos. As pessoas viram Jinlian dançando vogue e eu comecei a ser chamada para performances em festas, graças a meu trabalho junto com a vogue 4 recife já fui chamado para trabalhar em juri de concursos de dança.

Quanto aos desafios, são muitos - uns por conta da sociedade e outros por conta de auto sabotagem. Eu custei muito pra entender o meu corpo gordo na dança, tentava muito alcançar um nível de habilidade que não cabia no meu corpo, até entender que adaptar a dança pra minha vivência era uma possibilidade, demorei pra entender que

meu corpo não era uma limitação - e demorou também para que as pessoas enxergassem isso e me respeitassem como dançarino!

## 8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Olha, nesse aspecto eu confesso que não sou a melhor pessoa do mundo para traçar comentários atualmente por N motivos. No período pré pandemia a Vogue 4 Recife vivia a todo vapor, com treinos abertos semanais - desde 2017 - e não parávamos por aí. Como comentei, fizemos muitas oficinas, eventos, e no grupo, eu era a pessoa que articulava essas coisas, que fazia essas pontes, que marcava os shows e etc, foi um período assim, maravilhoso e de muita responsabilidade, tanto pessoal quanto para com o grupo (treinando, buscando melhoras os passos, limpar a dança, trazer algo interessante nesse mix de referências que eu tenho, incorporando a teatralidade na dança e nas nossas performances). Quando criei minha house com as bênçãos e as dicas de Edson, foi muito complicado pra mim ajustar um foco em grupo com as minhas filhas. Demorei muito pra acertar a mão com elas, a trazer essa questão da responsabilidade, do apoio que a gente tinha que se dar, do foco que a gente tinha que ter, foi muita tentativa e erro, muita gente saindo da house por que não aguentava minhas broncas e puxões de orelha pela irresponsabilidade e ausência em treinos, etc etc... mas atualmente a Haus of China segue firme na medida do possível.

Com a pandemia, a gente precisou parar as atividades da vogue 4 recife, houveram multiplas tentativas de um retorno seguro mas cada vez mais estourava uma variantes, havia uma alta nos casos e nas internações então a gente desestimulava (pelo fato da gente ter que pegar ônibus pra ir pra os treinos, correr risco de infecção e etc). Cheguei até mesmo a fazer a primeira ball da house of china online pelo instagram, errei muito, tinha 0 prática com esse formato, mas aconteceu... só que a necessidade de sobreviver - tanto a nível de saúde quanto a nível econômico - falou muito mais alto. Parei de me montar, criei um ateliê para sobreviver já que não tinha mais shows pra fazer nem eventos de kpop pra trabalhar, arranjei bicos dando aula de dança particular e tô sobrevivendo como dá. Morando sozinho, com contas cada vez mais impossíveis de pagar, comida muito cara, tudo muito caro... o foco precisou sair um pouco dos treinos e de pensar em voguing, de participar em balls e foi todo para o trabalho, para o sustento. Seguimos para o 2º ano da pandemia, mesmo com todos da Vogue 4 Recife vacinados ainda estamos ensaiando meios de retornar, mas muito do estímulo que eu sentia pra treinar foi embora, ao menos pra mim. Recentemente eu coloquei na cabeça que voltarei a treinar, e até treino sozinho quando tenho tempinho, gravo e repasso pras minhas filhas, mas não é a mesma coisa - ao menos não pra mim. Como falei, pra mim a cultura ballroom representa estar perto dos meu amigos, das pessoas queridas, fazendo arte ao vivo, presencialmente, e com essa pandemia, com esse negócio de tudo sendo por vídeo, gravado, distante, isso mexeu muito comigo, então pare pra pensar que uma pessoa que em 2019 tava no auge da carreira drag, treinando todo domingo com a vogue 4 recife, coreografando show dos outros e tudo de repente para tudo, é esquecido, deixado de lado, precisa parar de ver os amigos regularmente. Pesou demais! Quem pensa em fomentar cena num estado mental desses? Critiquei as que ainda treinavam presencialmente (com razão) e sinto que também fui criticado por não estar ativa nas discussões/em eventos (não diretamente, tipo, o meu nome

específico na roda, mas, o "shade" quando bate, bate) e de toda essa experiência eu só sei que posso estar afastada mas não tô morta! Sigo forte, sobrevivendo nessa economia que desgraça as periféricas e cria vários bilionários todo dia, e sempre que possível eu tento treinar, tento fazer arte, tento fazer o mínimo pelas minhas filhas, pelo meu coletivo. Sem ter a mesma cobrança por "pro atividade" que eu tinha comigo mesmo antes da pandemia, claro.

## 9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Com o pioneiro Edson Vogue Guerreiras. Ele até mesmo pesquisava as coisas numa lan house, anotava e ia treinar em casa. Ele criou a house of guerreiras a partir desses estudos dele, e em 2016 nós nos juntamos por conta do meu estudo pra a minha monografia, quando ele decidiu me convidar pra ser filha dele. Ainda em 2016, no mesmo período que tava tendo as ocupações, rolou o coquetel molotov, onde o trio lipstick colou com oficina e fizeram uma miniball, e ali meio que a cena começou a instigar. Nas ocupações das universidades e escolas públicas, nós (edson vogue guerreiras, Ayanami kunoichi e eu, Jinlian, que na época era Guerreiras) meio que fomos convidados a dar uma oficina de voguing na ocupação do cac. Ali foi meio que um rascunho do que viria a se tornar o coletivo vogue 4 recife. Depois dessa oficina no cac, fomos convidados pra dar outra oficina numa escola que também estava sendo ocupada, no bairro da Torre, e então começamos a perceber o potencial pra iniciar uma movimentação assim, de ministrar oficinas e conversas sobre cultura ballroom. Em 2017 a antiga House of Quartzo e a House of guerreiras (a house of china foi criada somente em 2018, no 1º Recife Vogue Fever) começaram a articular treinos de voguing e runway na jaqueira, bem juntinho dos grupos de kpop cover daqui de recife. Por passarmos muito perrengue com a direção do parque, que hora criava leis/decretos do nada dizendo que não podia som, hora parava os treinos e pedia para que nós saíssemos dali do espaço, nós nos mudamos para a praça do hipódromo - onde os guerreiros do paço tem as suas aulas de frevo - e ficamos lá até o início de 2020, parando as atividades por conta da pandemia de coronavírus. Agora em 2022, já que a maioria das pessoas da faixa etária do coletivo estão devidamente vacinadas, retomamos os treinos no parque urbano da macaxeira.

## 2 - Resposta de Edson Vogue

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Kiki House of Guerreiras

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Difusão da história da cultura ballroom afim de multiplicar o conhecimento técnico criativo e teórico

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Normal

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Criei minha casa com intuito de poder ter pessoas que confio e sei que posso contar dentro e fora da ballroom, para treinar, fazer eventos ligados a cultura ballroom e outras pautas.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Acolhimento

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Ter contato com uma técnica inserida em um contexto histórico tão diverso proporciona várias linhas de pesquisa. Os desafios são ligados a comunicação com pessoas da cultura ballroom dos EUA

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Desafiador

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Eu conheci o voguing em 2008, mas a cena só foi ser reconhecida mesmo em 2016 com a vinda do trio lipstick pra cá. Eu já tinha minha casa mas não era ainda divulgado pq tava acertando os conceitos, mas criamos antes do lipstick vir pra cá o coletivo Vogue 4 Recife, que abarca hoje a Guerreiras, Kunouchis (na época quartzo) e China (na época Mei Jinlian era meu filho)

Ayanami mantinha as pesquisas dela mas não nos conhecíamos, nos conhecemos em 2013, Cesar (Mei) nós juntamos pra ajudar na pesquisa dele do TCC ( é bom falar com essas pessoas)

Então depois do trio nos juntamos pra fazer treinos fazíamos na jaqueira e Rany no lindu depois fomos basicamente expulsos da jaqueira e fomos pra praça do hipódromo onde fizemos treinos abertos até o início da pandemia mas nunca paramos tiveram eventos também (mas foram muitos hahaha isso posso falar só se for relevante)

continuamos com divulgação cada uma na sua casa e no coletivo divulgando textos e tals.

### **3 - Resposta de Juan Silva**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

Não

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Casa de Maniva

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sim. Além de coordenar os processos da casa, atuo mais efetivamente na área da dança e na produção de eventos culturais.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Levando em consideração que enquanto uma dança da comunidade LGBTQIA+, tal expressividade carrega consigo um potencial enorme para o empoderamento de corpos marginalizados e estigmatizados, inclusive dentro do próprio contexto da Dança, acredito que o Voguing, assim como a Ballroom em geral, me ensinou a ressignificar meu corpo e a criar outras possibilidades para estar no mundo. O que antes eu não tinha acesso, uma vez que minhas práticas culturais eram atravessadas tão fortemente pelo contexto LGBTQIA+.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Inicialmente meu interesse em pesquisar práticas LGBTQIA+ na dança, mas fui me envolvendo e criando fortes laços com a cultura e hoje vejo em minha casa um espaço de acolhimento e empoderamento.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Com certeza um espaço para criar outros modos de vida. Para dar outros sentidos para nossas existências. Reconhecer nossas potências, encontrar pessoas e ressignificar o próprio corpo.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

A Ballroom me ensinou sobre resistência, me ajudou não apenas a me aceitar, mas a ter coragem de me expressar e a reconhecer a potência que meu corpo dissidente tem frente ao cis-heteropatriarcado.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Um verdadeiro desafio. As vezes eu desanimo, por vários fatores, em especial pela falta de políticas públicas tanto para a arte, quando para a comunidade LGBTQIA+, assim como pela falta de interesse da própria comunidade em estar construindo um lugar mais nosso. Acredito que dentro da Ballroom precisam ser trabalhadas várias questões, precisamos agir mais e estar mais dispostos a fazer algo em prol da nossa cultura. Sinto que tem uma galera muito potente aqui, mas que precisam ser orientadas, assim como sinto que as lideranças não estão alinhadas ou pouco interessadas em fomentar a cena, mas sigo acreditando que um dia vamos ser uma comunidade grande e com grandes feitos.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

(Esta resposta está na entrevista de Rená Bayonetta, pois Silva auxiliou a escrita desta resposta juntamente com Bayonetta)

#### **4 - Resposta de Rany Hilston**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Mãe da Casa de Mandacaru

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sim, performance

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Um pouco limitada.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Não me encontrava 100% nas danças que fazia, gostava muito, mas sempre algo me limitava.

Nunca pude ser eu mesma, sempre me colocavam em uma caixa. A cultura Ballroom me mostrou essa liberdade que tanto buscava, me mostrou que poderia ser eu mesma e quem eu quisesse ser. Isso mudou a minha vida, por isso 2016 é um ano tão importante para mim.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Faz parte de mim, me sinto inteira quando estou com us meus. Ballroom é imprescindível pra mim, é minha vida.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Me agrega amor, empatia, companheirismo, família, momentos mágicos, muita alegria, competição saudável e uma energia incrível.

Os desafios é sair desse mundo e ver que nossa sociedade está estagnada quanto as questões de sociopolíticas, de gênero, racial e muitas outras mais.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Foi muito difícil no princípio pq as pessoas não entendem este espaço como um espaço de acolhimento, amor, respeito e performance. Mas com o passar dos anos e com ajuda das mídias televisivas e sociais isso está mudando, aos poucos, mas vem mudando, pelo menos agora quando falamos sobre o tema, as pessoas associam a séries como "Pose".

Então agora temos mais espaço, e fomentamos tanto entre nós da comunidade local, quanto entre os editais (privados e públicos) municipais, estaduais e nacionais.

Não digo que é fácil, mas pouco a pouco estamos ganhando espaço.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Em 2013, vi Edson Vogue dançar e me chamou a atenção, pois na época, só havia grupos de danças urbanas. Ainda em 2013, fui para o evento RioH2K, Festival Internacional de Dança, na cidade do Rio de Janeiro, que foi onde entendi a dança e estudei na cidade por 2 anos. Em 2015, tive o primeiro contato com a cultura *Ballroom* no Rio Grande do Sul com Thiago Basseto, no evento Open Extreme, e ela lhe explicou tudo sobre a cultura e, nesse mesmo ano, me aprofundei em seus estudos. Em 2015 e

2016 comecei a ministrar aulas de *Voguing* em um estúdio de dança em Recife e lembro que era só eu que ministrava aulas desse estilo. Em 2016, a cultura *Ballroom* se inseria em Pernambuco através do contato entre Edson Vogue e o *Trio Lipstick*. A primeira batalha de *Voguing* de Pernambuco, foi ganha por mim e, a partir desse dia, juntamente com a ajuda do Trio, foi-se realizando a cultura *Ballroom* de Pernambuco. E não sei como essa cultura chegou ao interior de Pernambuco.

## 5 - Resposta de Yagaga

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Mãe Kengaral

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sim, danço, professora de Vogue Femme, chant de Balls, e maquiadora

4 - Como era a sua vida antes de entrar no *Voguing*?

Era meio comum. Eu não consigo nem expressar em tantas palavras, acredito que sempre foi como uma sensação de inexistência, fingimento.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Antes de abrir a minha casa eu não procurava por uma, quando participei da AVALANX e da REVLON foi por familiaridade e por consequência, era pra acontecer pois foram e são minha família. Quando abri a minha foi por perceber que precisava abrir outros caminhos, me conectar com minhas filhas e ser mais regional, abrir uma casa na cidade que eu nasci e vou viver. A vontade de me inserir surgiu no começo como curiosidade pela dança Vogue Femme, mas quando conheci a Ballroom se transformou em uma vontade de estar alí, de viver aquilo, de perceber um lugar feito pra pessoas com eu.

6 - O que a Cultura Ballroom e o *voguing* significam na sua vida?

De uma forma pessoal, significa minha salvação e meu nascimento, quando eu pude me libertar do que prendia no passado, quando eu pude mostrar a minha verdade Travesti e me apaixonar por um trabalho. De uma forma geral significa mudança,

libertação, caos, conquistas, geração de renda, profissionalização. Significa muitas coisas na vida de cada pessoa que faz parte da cena, de formas singulares e plurais a cena toca cada pessoa que existe dentro dela. Significa tudo.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Eu pude trabalhar com várias pessoas de locais diferentes do País e do Mundo, pude aumentar o alcance do meu conhecimento pessoal e uma evolução enquanto pessoa. Dançando vogue me faz sentir emoções diferentes com meu corpo, ver ele de forma diferente. Acho que o maior desafio é se manter forte pra estar presente. Fazer a Ballroom pra mim é natural, estar ali é respirar, mas também podemos respirar aromas desagradáveis, assim como em alguns momentos precisamos estar estáveis pra lidar com algumas situações. Meus desafios são comigo mesma, e com a própria Ballroom eu tento ultrapassar.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

É emocionante. Nunca é só uma Ball, a sensação é sempre a mesma, antes de uma aula, uma roda de conversa, uma ação Ballroom. Uma montanha russa de sentimentos e de lutas. É esperançoso, é o que me mantém forte e viva todos os dias, de sentir a emoção de estar ajudando uma cena, não por ter a responsabilidade de fazer isso. Mas por saber que eu amo estar em uma Ball e sei que quando produzimos Ballroom, as pessoas vão amar estar ali. É além de mim.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Desde 2016 existia um grupo de pessoas que admiravam o vogue mas ainda não sabiam da comunidade e até 2017 se continuou da mesma forma. Por toda a barreira de informações e linguística não conseguimos realizar balls de uma forma correta, mas em 2018, surgiu a Becha Cearense Ball que foi a primeira e verdadei Ball de Fortaleza. Desde então aconteceu algumas performances com o coletivo e participação do Coletivo Becha Cearense em outros espaços que começaram a trazer novas pessoas e multiplicar a cena.

## **6 - Resposta de Fênix Zion**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Iconic House of Zion (cena mainstream/major) e 007 (cena kiki)

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sou uma das responsáveis pela página oficial da NONE Ballroom, continuo ministrando oficinas gratuitas de voguing e runway dentro e fora de Alagoas, além de escrever sobre a Ballroom, hoje estímulo e auxílio na articulação de ações não só artísticas mas também sobre saúde. Sou HIV positivo, filiada a (Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids no Brasil), atuante pelo Movimento HIV/Aids dentro da Ballroom junto com outros agentes.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Iniciei minha carreira artística na cultura hip hop (danças urbanas). Quando entrei na universidade federal pra estudar dança, me tornei uma pesquisadora/dançarine/professora do jazz dance e suas vertentes. Considero o voguing através da cultura dos bailes como um 3º período da minha vida enquanto artista da cena.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Um dia após graduar em dança, viajei pra São Paulo (capital), meus planos era trabalhar com dança. Já tinha conhecimento das movimentações com voguing e waacking através do Felix Pimenta e Fran Manson, porém tinha pouca informação da Ballroom local. Foi por meio do Coletivo/Festa Amem que tive as oportunidades entender melhor a cultura, logo em seguida comecei desenvolver e participar de ações com voguing, apesar de recém chegada, tinha autonomia, foi quando recebi o convite pra ingressar na Iconic House of Zion (capítulo Brasil). Não pretendia entrar em casa naquele momento, até por que tinha poucas as houses nas cenas mainstream e kiki paulistana. Quando voltei à Maceió abri a primeira casa de Alagoas na cena kiki (Pioneer House of Muzi), mas antes de ser reconhecida como Pioneira decidi me tornar 007.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

São parte do meu renascimento, quando ingressei na Ballroom em 2017, eu ia completar 2 anos de soropositividade e tinha perdido alguém que amei pra Aids. A Zion e os bailes me ajudaram à lidar com essa demanda. Na comunidade me entendi uma pessoa não-binária e hoje sou a primeira pessoa NB em Alagoas que conseguiu a retificação na certidão de nascimento e outros documentos. Também aprendi à moda nos bailes, então estudei produção de moda e atuo hoje com moda e dança. Minha vida mudou muito através da Ballroom, por que eu acreditei desde o início na potência

da comunidade. A legado das negritudes dos bailes são minha base de vida hoje. é meu quilombo.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Como qualquer comunidade formada por pessoas negras e dissidentes sexuais e de gênero, são inúmeros os desafios. Ainda enfrentamos dificuldades sociais e políticos (moradia, saúde, lazer, alimentação etc e tal). Por ser uma comunidade cada vez mais jovem enfrentamos o dilema entre a necessidade de sentir-se pertencente e destacar-se na mutidão. Eu tenho 33 anos, às vezes sinto que estou deslocado por que não tenho mais essas necessidades, então é natural os conflitos geracionais. No geral aprendi/aprendo com a comunidade a lutar pelos meus direitos e não deixar de sonhar. Tenho oportunidades de trabalhar remunerado com a Ballroom, que ainda são poucas pessoas e sou uma referência para muitos, isso é potente pra mim. A Ballroom brasileira enfrenta nos últimos anos questões raciais e de dissidências de gênero complexas, por que a comunidade tem um número significativo de pessoas brancas e cisgêneras, essa é a realidade dos bailes. O vínculo com a indústria do entretenimento também é ponto que observo, estamos cada vez mais presentes os espaços e mídias, assim também como estamos nos trabalhos acadêmicos, então encontrar um equilíbrio saudável para não sermos explorados tem sido in(tenso).

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Muito cansativo! Alagoas é um estado atrasado em política pública no campo da cultura e têm um dos índices de desenvolvimento humano mais baixo do país. Mas eu não só atuo em Alagoas, através da comunidade nortista e nordestina (NONE) contribuo com a difusão, estruturação e fortalecimento da Ballroom em outros estados. Minha meta é conectar os estados até termos a autonomia de construir nosso legado na cultura dos bailes. Faço o que posso em Alagoas, como Pioneire e com reconhecimento regional me sinto responsável em atravessar as fronteiras para auxiliar outras lideranças e contribuir com a prosperidade da Ballroom. Temos tido várias oportunidades de trabalhar com remuneração em prol da comunidade e isso já é um avanço histórico mas sinto que ainda falta uma organização mais articulada das cenas. No mais estamos iniciando e tudo tem seu tempo, precisamos nesse mundo contemporâneo ter o mínimo de paciência e responsabilidade.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

(Fênix Zion já tinha feito um vídeo falando sobre o surgimento em seu estado e me enviou este link como resposta desta pergunta: <https://youtu.be/jCIhhvRkvY4>)

## **7 - Resposta de Diamond Muzi**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

Não

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Pioneer kiki House of Muzi sou Star Mother Diamond Muzi

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Treinos e preparação para às balls

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Sempre fui da dança mas, o voguing me deu propriedade corporal e autonomia e sou uma dançarina de voguing.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Abrir a primeira House da comunidade ballroom alagoana

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

A comunidade ballroom significa ser algo além de especial, potente e importante para pessoas que vivem as mesmas qualidades que às minhas.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

A comunidade ballroom me dá perspectiva de vida individual e coletiva me descobrindo com potencialidades e aplicando nessa comunidade o maior desafio é se manter na comunidade conseguir sobreviver e viver esse espaço.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Construir e manter uma comunidade não é fácil todos os dias é preciso acessar os propósitos de continuar pois, cada espaço que abrimos é oportunidade de outras pessoas mudarem suas histórias.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

(Diamond Muzi já tinha feito um vídeo falando sobre o surgimento em seu estado e me enviou este link como resposta desta pergunta: <https://youtu.be/z5athubaFrk>)

## 8 - Resposta de Simas Zion

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Sou filho da Iconic House of Zion na cena mainstream. Na cena kiki sou filho da Iconic Kiki House of Juicy Couture

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sim, execução de bailes assim como: THE BALL e Vogue na Praça.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

CIStematica.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Pertencimento.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Significam acolhimento e espaço e estilo de vida

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Me agrega conhecimento e espaço.

8 -Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Difícil com todos os silenciamentos do sistema

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Falando do Norte em geral temos: Belém com 2 cenas atuantes, agora muito forte. Belém começou bem antes. Quem pode falar mais informações é o Pará, que é o pioneiro de lá. E eu conheço mais ou menos como surgiu aqui em Manaus. Então aqui

surgiu através de grupos de danças urbanas que “pesquisavam” vertentes que era femininas como waacking, jazz funk, voguing e outros estilos. Então eles utilizavam muitos elementos da dança Voguing, mas não a dança Voguing em si, usavam elementos que são composição do Voguing, técnicas e etc. A pesquisa de Voguing mais aprofundada, ela veio a partir do grupo EGO que era um subgrupo do UNK, através do Victor Vanconcelos, Marcos Paz, Yan Gomes, Juliandro Barroncas e Rodrigo Pacheco acredito eu. Tem mais pessoas envolvidas não arrisco falar tanto, pelo meu campo de pesquisa pode ter algumas informações que não são totalmente corretas ou verdadeiras kkkk mas a maioria delas eu te garanto que é nessa linha mesmo. E a partir desse grupo EGO surgiram outros subgrupos e também grupos maiores começaram a acrescentar os elementos do Voguing também nas suas composições coreográficas como La salle que logo após veio se tornar Gandhcats trabalho do Gandhi Tabosa. Ele usa muito do waacking e do voguing em seus trabalhos. A partir desses trabalhos, eu observei e eu comecei a fazer as minhas pesquisas por conta própria lá no ano de 2017 através do Grupo The Impactadas que eu participava, onde já performamos com Lia Clark, Pablo Vittar, Aretusa. fizemos alguns trabalhos com Drags famosas aqui em Manaus. A gente conseguiu um reconhecimento bom, onde eu pude acessar também outros locais que me possibilitaram conhecer mais. A partir disso, eu fiz as minhas próprias pesquisas, meus próprios treinos e eu comecei a ceder treinos também, com a ajuda de outros amigos que me incentivavam e me apoiavam e também compartilhavam algumas informações. A partir disso, eu consegui fazer parte de alguns festivais grandes representando o estilo voguing já, patenteando com o Festival de Batalhas Fluxo, onde ele tem um leque de estilos de dança urbana e um deles é o voguing, que eles procuravam pessoas que estudavam e praticavam aquele estilos para representar e ai eu fui chamado em todas as edições presenciais, com showcases e batalhas demonstrativas, para representar esse estilo em específico, o voguing. Eai através disso fui conseguindo atenção de outras pessoas que também tinham interesse em aprender e isso só foi se espalhando igual a palavra de Jesus kkkkkkkkkk, mas foi basicamente isso e os treinos começaram a ficar com muitas pessoas e a ballroom já foi se consolidando também, sistema de houses. Lá no início tínhamos uma média de pessoas que estavam dentro de grupos de companhias de danças que praticavam e faziam parte dessas cenas coreográficas, acho que eram 6, 5 pessoas. Atualmente a gente tem mais de 20 vogueers em Manaus, então foi uma lavancada bem forte, isso a partir do ano de 2019. E nesse mesmo ano, os treinos abertos começaram a ganhar notoriedade na cidade e começaram a se expandir e o número de pessoas praticante de vogue a cresceu junto, temos grandes nomes hoje Yan Gomes, Xuri Mizrahi, Odara Matagal e Nano Shaolin

## **9 - Resposta de Rená Bayonetta**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

Não

2 -De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Sou Mama da Casa de Bayonetta

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Produção de eventos: balls, aulas, treinos gratuitos, workshops, tutoriais, documentários, etc. Mas com o problema da pandemia muita coisa ficou parada e tivemos que replanejar tudo.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Sentia ainda não ter encontrado um local que realmente me representasse, nem um local que fizesse sentido pra mim como dançarina/aluna. A primeira Ball que eu estive foi surreal e me senti parte daquilo de primeira!

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Afinidade mesmo. Não era um planejamento criar minha House, foi acontecendo naturalmente por causa das minhas filhas que foram agregando, surgindo, participando, treinando juntas, e nunca foi sobre competição, foi sobre apoio mútuo, mas algumas caminham nas balls quando podem.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Significa que eu tenho um local seguro pra seguir sendo quem eu sou de verdade, com pessoas que me entendem, que me acolhem, que eu posso ensinar e aprender muito ainda pra evoluir cada dia mais como pessoa.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Muita coisa, principalmente no que se refere a crescimento da nossa consciência social, autoestima, autoconhecimento, empatia, acolhimento. O que mais me agregou até então foi me descobrir uma pessoa não binária, entender as várias questões de gênero e conseguir me sentir segura nesse espaço, sem precisar seguir padrões impostos pela sociedade, ser feliz realmente na pele que eu visto. O maior desafio ainda é me entender por completo, apesar de já ter caminhado bastante em direção a isso, assim como também manter as pessoas unidas, falo isso tanto das minhas filhas quanto das pessoas que vivem a cultura no geral. Evitar umas desavenças desnecessárias, sabe? Cada pessoa tem suas diferenças e a gente deveria pensar nisso e se unir pra conseguirmos andar mais rápido, mas nem sempre é o que acontece.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Agradeço por poder contar com algumas pessoas que se oferecem pra ajudar a fazer o rolê acontecer, mas ainda assim é difícil quando não se tem muita ajuda ou incentivo cultural para algo ainda "não tradicional", sabe? Não é o mesmo que organizar uma festa junina, por exemplo. Precisamos, principalmente, de incentivo financeiro mesmo, porque querendo ou não há gastos para organizar um evento, uma Ball, e o retorno geralmente paga boa parte dos gastos, mas não há lucro algum. Fomentamos porque queremos ter esse local de vivência, queremos expandir, queremos crescer, queremos esse local seguro para existir, resistir, e fazemos o que está à nosso alcance.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

(Juan Silva auxiliou para a consolidação desta resposta; e Rodrigo Pará concorda com este texto. Então tanto a resposta de Silva, como a de Pará é o mesmo texto para esta mesma pergunta.)

## HISTÓRIA DA BALLROOM BELÉM

A introdução e a difusão da dança Vogue e da cultura em Belém se iniciou com o Pioneiro Rodrigo Pará, que hoje em dia é filho da House of Juicy Couture. Ele fazia aulas de danças urbanas na Escola Mirai de Dança (na época Companhia Mirai) e foi introduzindo isso com os professores, até que foi chamado algumas vezes pra dar workshops de Vogue na cidade em eventos e cursos promovidos pela escola, lá por volta de 2015 e 2016. Em 2017, trouxeram a Tetê Moreira, integrante do Trio Lipstick e Mãe Pioneira da House of Barracuda, pra um workshop de vivências Ballroom. A partir desse ano a gente começou a fortalecer mais a cena, criamos a House of Jambu, amadrinhada e batizada pela Tetê. A Escola Mirai abriu uma turma regular de Vogue com o Pará como professor I, e treinávamos pra nos apresentar em espetáculos da Escola, e foi no espetáculo Íris desse ano que uma House apresentou o Vogue pela primeira vez nos palcos de um Teatro. Foi em 2017 também que Rená (atual Mama da Casa de Bayonetta e filha do Pará Jambu, na época) e a Rafa de Prada (atual filha da Juicy Couture e Legendary da cena kiki Brasil, e também filha do Pará, na época) foram pro BH Vogue Fever, evento Ballroom internacional promovido pelo Trio Lipstick, se especializar e estudar mais sobre a cultura e a dança, caminhando na Translumbrante Ball pela primeira vez como House of Jambu. No início de 2018, Tetê veio novamente pra Belém e tivemos outra vivência sobre a cultura. Continuamos treinando, apesar de termos menos integrantes na Jambu, e nesse ano Rená e Rafa foram para o BH Vogue Fever novamente, dessa vez juntas com seu pai Pará Jambu. Além do intensivão de workshops com professores pioneiros da cena internacional e imersão nessa cultura, caminharam na Ball do Fim do Mundo, mas foi no evento do dia seguinte que um marco histórico foi registrado para a Ballroom Pará! Na Kiki Ball Baileclava, promovida pela House of Caliandra (já fechada), Pará Jambu e suas filhas, Rená e Rafa de Prada, caminharam nas categorias Oldway e Vogue Femme, onde a Rafa batalhou com pelo menos 7 filhas da Caliandra até conseguir chegar na final e levar o Grand Prize sozinha pra Jambu! Como se não bastasse toda essa emoção, a Legendary ICON Overall Godmother Precious Old Navy, que foi chanter na Ball do Fim do Mundo, fazia parte do júri da Baileclava. Ela levantou da cadeira, pegou o microfone e perguntou "já existe alguma lenda aqui no Brasil? Então eu nomeio a Rafa de Prada como a primeira Legendary da cena Kiki nacional!" (muitos berros, gritos, choros e dips nesse momento, imagina aí!). Desde então, a Ballroom Brasil começou a se organizar

mais em relação a títulos e nomeações de pioneiros da cena Ballroom de cada estado, a fim de dar o devido reconhecimento às pessoas que iniciaram o movimento e também àquelas que estão contribuindo com a cena, a fim de melhor articular, organizar cada estado, descentralizando e difundindo conhecimento em cada um deles. Também foi nessa Kiki Ball que a Jambu caminhou pela última vez antes da House ser fechada.

Então, em 2019, Rafa 007, Rená 007 e Pará 007 fundaram o coletivo Belém is Burning, BiB, (referência ao documentário Paris is Burning) a fim de promover eventos e treinos gratuitos sobre a cultura Ballroom e dança Vogue para a cidade, com o objetivo de difundir o conhecimento e atrair cada vez mais público para fazer a cena crescer. Nesse ano, o ex Father Henrique Zathura, que ainda era 007 na época, promoveu duas balls em parceria com A Festa Profunda, foram a Strike a Pose e a Burning Kiki Ball. Também neste ano, a Escola Mirai fez uma parceria com o Belém is Burning, cedendo o espaço da Escola aos domingos para que fossem realizados os treinos e aulas da Ballroom Belém. Com isso, fomos adquirindo mais adeptos e grupos estavam começando a se formar. Em dezembro de 2019, o BiB realizou a primeira Natalina Ball, onde a primeira Kiki House da cidade surgiu, a Casa de Maniva! Também em 2019, abriu-se o capítulo da House of Bodega em Belém, tendo a Legendary Rafa de Prada como mãe, encerrando suas atividades no ano de 2020. Em abril de 2020, surgiu a House of Bayonetta e um pouco depois também a House of Zathura, porém, nesse mesmo ano, nos vimos de mãos atadas com o início da pandemia e as atividades do Bib se encerraram. Sentimos a necessidade de nos fortalecermos, juntamente com a cena Nordeste, para nos articularmos melhor e nos unirmos, pois até então nós éramos mais marginalizadas em comparação às cenas Sul e Sudeste. Foram organizadas Balls e eventos online, como a Ball do Norte, e com a expansão da cena, o BiB passou a se chamar Ballroom Pará. Durante o primeiro semestre de 2021, a Casa de Maniva chegou a realizar a Ball Voando pro Pará, com restrições durante a pandemia, como finalização de um projeto intitulado "Vivências em Voguing e Cultura Ballroom". Para fortalecimento da cena Norte e Nordeste, também criamos um Instagram pra concentrar as informações mais pertinentes, e estreitamos laços entre as duas regiões, o @noneballroom. Ainda em abril desse ano, surgiu a Casa de Meireles. Foi também em 2021, no segundo semestre, que a casa de Maniva retomou o oferecimento de treinos e aulas gratuitos em locais públicos, e posteriormente em parceria com a Escola Lumiar de Dança. Em julho, a Casa de Maniva promoveu a Voando pro Pará 2, onde estreou a categoria paraense Treme. Início de outubro, a Casa de Meireles realizou a Endoida Ball e em 31 de outubro, a Casa de Bayonetta realizou a Elvira Ball de Halloween, onde a Legendary Rafa de Prada e o Pioneiro Pará anunciaram abertura de um capítulo em Belém como Princess e filho da House of Juicy Couture. Na Elvira, estreamos a categoria Bizarro aqui em Belém. Tanto a Endoida quando a Elvira contaram com a parceria da Endoida Produções, o DJ Cercontini. Início de dezembro de 2021, a Ballroom Norte e Nordeste criou o evento online Melhores do Ano para premiar e reconhecer pessoas do Norte e Nordeste importantes pra cena e pro fomento da cultura Ballroom em suas regiões, tendo o norte (PA) sido indicado em 21 das 27 categorias, concorrendo como melhor:

- Face Trava Queen: Tiana Meireles e Ares Estelar 007

- Face Mapô: Marrie Bayonetta é Giulia 007
- Face Butch Queen: Eros Bayonetta
- Runway Figura Feminina: Medusa Bayonetta e Cabana 007
- Runway Figura Masculina: Chéri 007 é Luan 007
- Baby Vogue: ILumia 007 e Jambu 007
- Vogue Oldway (ota/apt): Jothan Maniva
- Vogue Femme Trava Queen: Morgana Meireles
- Vogue Femme Butch Queen: Emanuel Maniva
- Vogue Femme Mapô: Marrie Bayonetta é Giulia 007
- Vogue Femme NB: Mama Rená Bayonetta e Jothan Maniva
- DJ (Disk Jokey) : Cercontini 007
- Chanter/Commentator: Mother Ayaní Meireles
- Produtore: Mother Ayaní Meireles e Mãe Juani Maniva
- 007: Cabana e Giulia
- House do Ano: House of Bayonetta e Casa de Maniva
- Ball Presencial: Endoida Ball (Meireles) e Elvira Ball (Bayonetta)
- Sex Siren (ota/apt): Marrie Bayonetta e Quinzal Bayonetta
- Bizarre: Eros Bayonetta
- Mãe do Ano: Mama Rená Bayonetta e Mother Ayaní Meireles
- Pai do Ano: Pai Hian Maniva

Banca avaliadora: Legendary Prada Juicy Couture (PA), Pioneer Pará Juicy Couture (PA), Pioneira Mainha Rany Hilston Mandacaru (PE), Pioneer Mother Edson Vogue Guerreiras (PE) e Pioneira Mãe Yagaga Kengaral (CE).

O Pará levou 8 premiações de melhores do ano 2021 Norte e Nordeste:

- House do Ano: Casa de Maniva
- Mãe do Ano: Mama Rená Bayonetta
- Vogue Femme NB: Mama Rená Bayonetta
- Bizarre: Eros Bayonetta
- Sex Siren: Quinzel Bayonetta
- Runway Figura Feminina: Cabana 007
- 007 do Ano: Cabana 007.
- Baby Vogue: ILumia 007

Já no finzinho de dezembro deste ano, as Casas ainda abertas no PA (Bayonetta, Meirelles e Maniva), com ajuda do Pai Montanha (Henrique) da antiga House of Zathura e o DJ Cercontini, se uniram para realizarem a segunda Natalina Ball em Belém em uma boate no bairro Maguari. E em abril de 2022, as Bayonettas realizaram a Toró Ball em parceria com o coletivo de dança Amazon Crew, na Escola de Dança Lumiar, contando com ajuda do DJ Bakugan e da Mãe Juani Maniva como chanter. Foi na Toró Ball que estreamos a categoria Tecnobrega com o intuito de incentivar e fortalecer nossa cultura local. No dia 01 de Julho, realizamos a Ball Juninha da Casa das Madres, marcando a abertura oficial desta nova House em Belém. Foi uma Ball muito alegre, com brincadeiras pras crianças e adultos (como a corrida do ovo na colher com catwalk!), além das categorias Runway, Face, Vogue Performance e BateKoo, uma Kiki Ball realizada na periferia de Belém (Cabanagem). Ela foi marcada por um momento icônico: uma criança preta de lá da periferia simplesmente entrou na categoria Vogue Performance, pra surpresa de todo mundo, com mais energia que qualquer pessoa dali! Foi incrível ver ela dando o nome, ainda que sem o conhecimento técnico da dança em si, apenas com sua paixão e vontade de estar ali e participar, se sentir pertencente à cena e ir sem medo! Essa criança acendeu nossas esperanças e vontade de continuar construindo nossa comunidade!

Seguimos com novos planos de manter a cena viva e novas balls pra serem realizadas!

## **10 - Resposta de Legildu**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

Não

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

007

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Dança. Produção musical.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Antes de entrar na ballroom eu já tive acesso ao voguing através de grupos de dança locais. Porém só na ballroom que eu tive consciência de coletividade e noção da minha condição transgênera.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Liberdade de expressão e busca por pertencimento, além de trocas de vivências reais.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Família

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Sinto que tenho uma perspectiva muito mais aguçada da realidade graças a ballroom. Os desafios são o fazer artístico sem incentivo.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

É uma posição de pioneirismo, todes na cena começaram mais ou menos no mesmo período (2019) e ao mesmo tempo que queremos crescer queremos reconhecimento. Por uma questão que está pra além da ballroom, e se reflete nela também, o norte não é visto pelo resto do país, isso dificulta mais. Além disso, temos pouco tempo de cena, identificamos a necessidade de trazer cada vez mais pessoas pretas e trans pra cena.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?  
(Legildu não respondeu a esta pergunta)

## 11 - Resposta de Lunna Montty

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

House AFROBAPHO- Mother

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sou dançarina e modela e coreógrafa

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Uma vida meia normalizada

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Através de eu me sentir pertencente

6 -O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Afeto

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Me agrega aprendizado, e levar a cultura pra outro lugares é um desafio, pq nem muita gente entendi!

8 -Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Ainda tá sendo louco ,mas aos as coisas estão se encaixando

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

A ballroom já ta nessa função basicamente, dentro da minha concepção, desde 2019/2020. Veio a pandemia e ficamos fazendo trabalhos online. As casas aqui são:

House of Tremme, House AfroBapho e House of Astra. Aqui são 3 casas. Aqui está nesse processo de formação de capítulos, mas as antigas são House of Tremme, House AfroBapho e House of Astra. Acho que as intenções das casas foi através de outras inspirações de outras Houses do Nordeste, também do Brasil. Cada um tem seu processo específico, mas da minha casa eu fui para o BH Vogue Fever estudar lá e sentir que justamente acho que era pertencente de se ter uma House aqui.

## 12 - Resposta de Rodrigo Pará

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

atualmente sou Juicy Couture

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Atualmente não

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Eu me considero uma pessoa introspectiva. Antes de ter contato com Voguing e Ballroom de fato, eu fiz aulas de dança em diferentes estilos. Tanto as aulas quanto a ballroom posteriormente me permitiram um maior desenvolvimento pessoal e mais segurança quanto a quem eu sou e como eu me coloco/me imponho nos ambientes que eu estou inserido. No meu caso eu tenho a consciência de que fui uma pessoa privilegiada. Nunca tive questionamentos acerca da minha própria sexualidade, descobrir e perceber que eu me atraía por pessoas do mesmo sexo foi algo natural, mas eu sei que existem muitas barreiras sociais e pessoais para várias pessoas, e a ballroom é esse espaço de acolhimento pra pessoas LGBTQIA+

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Inicialmente o que me chamou atenção na ballroom foi a movimentação explosiva, quase hipnotizante, das categorias dançantes (vogue femme, old, new). Posteriormente, ao entrar em contato com a Amazon Tetê, de BH, que ofereceu um workshop e uma aula de imersão sobre a história da ballroom e todo o seu cunho político, eu passei a enxergar aquilo como uma rede de apoio necessária, ainda mais considerando o período em que a gente se encontrava (isso foi antes das eleições de 2018). Na minha mente, eu sempre acreditei (e acredito até hoje) que existem outras

peças aqui no meu estado que PRECISAM dessa cultura, muito mais do que eu. Por isso eu, junto com outras duas pessoas ( Renard Bayonetta e Rafa Juicy Couture) iniciamos um projeto gratuito pro fomento da cultura aqui em Belém

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Um espaço seguro pra conseguir expressar quem se é de verdade, livre de julgamentos e preconceitos

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Ela me trouxe amizades e relações que quero levar comigo pro resto da vida, me trouxe mais compreensão, mais compaixão e empatia em enxergar e entender a luta e as vivências do outro.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Com a pandemia, tudo ficou mais difícil nesses períodos, mas existem pessoas incríveis que deram continuidade à cultura aqui no Pará, inclusive levando um pouco dela pros interiores, o que é especialmente importante. Acredito que o Pará sendo um estado tão rico culturalmente e com várias manifestações populares casa perfeitamente com aquilo que a ballroom propõe ser.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

(A partir da sua concordância com o texto de Rená Bayonetta, esta resposta se encontra na entrevista de Bayonetta)

### **13 - Resposta de Tato Takai**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Sou fundador da (Kiki) Casa de Kamikaze, família de apenas Pai (eu) e Mãe ( Manu Cobra ). Fundamos a casa em 2017 a fim de criarmos laços mais afetivos com as pessoas que aprendiam sobre o Voguing e a cultura Ballroom com a gente.

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sim mas no momento apenas os relacionados a minha pesquisa de TCC e com grupos de extensão universitária. São produtos coreográficos que tem como objetivo aproximar a tornar mais íntimo a relação do público com a arte da dança.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Antes do Voguing a minha vida ainda parecia estar enraizada nos moldes heteronormativos das sociedades. Eu evitava me expressar de maneira feminina, principalmente pelo julgamento dos outros. Sempre fui criado por mulheres e de alguma forma eu inibia toda a minha feminilidade, que sempre foi minha maior herança.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Conheci a cultura ballroom através da minha amiga Manu Cobra. Ela me apresentou um Gif de uma lenda do Voguing. De início achei muito diferente de tudo o que tinha visto, e de fato era e é. Entretanto aquilo me deixou curioso. Aos poucos Manu foi me mostrando o grande universo que é a cultura Ballroom e foi quando conheci o Voguing. A dança e si já diz tudo. Sempre me escondi em uma carcaça masculina a fim de ser aceito pela sociedade e depois de conhecer o Voguing tudo mudou. Desde que me entendo por gente vivo da dança e o Voguing me possibilitou libertar o meu eu feminino. Me possibilitou ser quem eu quiser ser. No Voguing oi sou livre e agora posso levar a dança e a cultura para outras pessoas que também possam querer se libertar. Já com relação a (house) para que eu (pai) e Manu Cobra (mãe) pudessemos nos aproximar afetivamente das pessoas que aprendiam sobre o Voguing e sobre a cultura ballroom com a gente, na universidade (UFRN) tomamos a decisão de fundar a casa, mesmo que muito pequena. Assim, quem se identificasse com nossas propostas metodológicas poderia também continuar os estudos sobre a cultura e a dança com a gente, sempre priorizando a práxis, teoria e prática.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Eu sou a cultura Ballroom. Nós somos a cultura ballroom. Quando a identificação acontece, não tem pra onde correr. A cultura ballroom significa força, resistência, família. Significa se encontrar e se reencontrar a cada batalha, a cada movimento, a cada desfile. Significa liberdade e certeza de que podemos ser quem realmente somos.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Que a cultura me liberta isso é fato, mas ela também me possibilita pensar em como posso construir propostas metodológicas de ensino a partir de todo o contexto histórico, econômico e social onde nasceu os bailes e isso agrega muito ao meu fazer docente. Os desafios são a complexidade e a falta de documentos e registros escritos. São

poucas as informações obtidas na internet e isso dificulta um pouco. Outra dificuldade também é a financeira que inviabiliza minha participação em eventos pelo Brasil onde se fomenta a cultura.

#### 8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

É difícil, é bastante complicado mas é gratificante. A universidade me dá um grande suporte principalmente para que eu ensine sobre a cultura e sobre a dança com qualidade. No campo da valorização enquanto profissional da dança e do ensino da mesma ainda é pouquíssimo reconhecido. Bailes ainda não temos mas algumas pessoas já se encontram em festas e promovem algumas "coisas" que ao meu ver não se aproxima de um baile, ou batalha mas que só mesmo tempo sei reconhecer que cada pessoa faz o que pode e com as ferramentas que possui. Não caberá a minha pessoa julgar o que é ou o que não é mas por tudo, que até o momento estudei e pesquisei sobre a cultura ballroom não se aproxima do que realmente é um baile ou batalha. E reforço, admiro e reconheço as iniciativas de TODES mas precisamos ter cuidado ao promover coisas que não conhecemos de fato, até para não gerar uma imagem de "apropriação cultural" para fins lucrativos. No mais, fomentar a cultura no meu estado, na minha cidade é gratificante e pouco reconhecimento já é suficiente para nunca mais parar.

#### 9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Eu conheci o Voguing em 2016 através da minha amiga Manu Cobra. Nesta época poucas pessoas sabiam do que se tratava. Neste mesmo ano eu ingressei na universidade federal do RN e com a identificação da cultura ballroom acabei por continuar estudando tudo sobre essa cultura mesmo que com conteúdos encontrados na internet. Como faço licenciatura em dança fui colocando em prática possibilidades metodológicas do ensino da dança Vogue. De início ministrei oficinas na própria universidade por meio do projeto de extensão ABC Hip-hop Class, que foi idealizado pelos amigos de turma Kamal Firmino e Samuel Oliveira. Era um projeto onde nós, alunos do curso de dança poderíamos colocar em prática nossas propostas de ensino e aprendizagem com base nas danças urbanas. E eu era responsável por ensinar o Voguing.

Comecei a fazer vídeos e divulgar nas redes sociais e foram aparecendo mais pessoas se identificando e querendo aprender mais sobre a dança. De início se deu assim, por meio de aulas/oficinas.

Consegui em 2019 promover uma Kiki Ball no intuito de aproximar o público interessado no que realmente seria uma batalha de Vogue, sempre priorizando as oficinas e aulas de dança para que as pessoas pudessem praticar e colocar suas expressões em cena nas batalhas. A partir daí fui ministrando diálogos sobre o grande universo da cultura ballroom.

Entretanto, isso acabou sendo inviável com a chegada da pandemia.

Logo posso dizer que a cena ballroom aqui em Natal/RN ainda está engatinhando a passos lentos.

Aqui em Natal fui a primeira pessoa a ensinar de fato, a propor possibilidades metodológicas do ensino da dança e aprofundamentos do universo ballroom

No RN eu não tenho nenhuma informação sobre outras cidades e pessoas que também fomentam a cultura.

Também acho viável reconhecer que assim como eu, outras pessoas também proporcionaram momentos de introdução aos mini bailes como foi o caso do Coletivo Ninho de Guabiru, que atua na comunidade acadêmica viabilizando alguns eventos entretanto ressalto que a proposta de baile do coletivo não se aproxima muito do que realmente é um baile ou uma batalha

Mas reconheço a ótima iniciativa pois fizeram de acordo com as ferramentas que tinham. É importante também lembrar que esse coletivo não promovia treinos e oficinas. O coletivo apenas viabilizava algumas batalhas que por sua vez faltava um pouco de conhecimento histórico/social do universo ballroom.

Este ano, voltei a ministrar oficinas e treinos abertos na UFRN pois tenho como base de pesquisa o Voguing.

#### **14 - Resposta de Tayomara**

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Faço parte da casa de monique e nela eu sou uma princess

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Não, atualmente estou só modelando

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Caótica e confusa, e logicamente sempre silenciada

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

Na cultura foi conhecer, bastei conhecer pra me sentir em casa, e na casa foi a necessidade de está perto das minhas, de me sentir realmente parte de uma família.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

A ballroom pra mim é acolhimento, dengo e principalmente família. Já a dança voguing é Liberdade e aceitação

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

Ela me dá mais confiança para ser quem eu realmente sou, me dão algo que em nenhum outro lugar eu tenho, voz. Os principais desafios é saber lidar com quem entra na ballroom apenas para ter títulos ou só porque viram em uma série e gostaram, ser saber o real peso dessa cultura, além do desafio de fazer com que nossa cultura seja vista como de fato um role cultural e não somente paços de dança

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

Difícil, o piauí não dá muito valor a cultura e/ou artistas locais, principalmente se for formada por maioria preta. Devido a isso estamos sempre em uma constante batalha para sermos vistas e ouvidas para conseguirmos fomentar a cena do jeito mais coerente possível.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

O movimento da dança voguing começou entre 2018 e 2019.

Começou com o junta festival, onde teve uma aula de voguing(não sei detalhes, não fui). No meio do ano de 2019 teve uma semana de oficinas de danças urbanas criada pela mais variada galera de danças urbanas, incluindo as que haviam ido ao junta. Nessas vivências foi onde eu tive minha segunda experiência com o voguing, no início de 2018 eu estava na UNB para o conune, e tava rolando uma batalha de voguing.

Depois das vivências danças urbanas, as bixas falaram que estavam começando a treinar voguing no memorial esperança García, e foi quando começamos a estudar de verdade o voguing e a cultura ballroom, porque até então era só a dança. Quando foi no início de 2020 peste nega, eloi Ariel e ayra me chamaram pra ser uma monique e logo depois outras casas foram tendo coragem de aparecer

## 15 - Respostas de Afrofutur1

1 - É Pioneiro (a) ou (e)?

sim

2 - De qual house (casa) você faz parte e que membro da família você é? ou se você é 007 (que não faz parte de uma house)

Casa DiBarro - Mother/Father (fundadore)

3 - Você desenvolve algum trabalho artístico, seja na sua house (casa) ou não?. Se sim, qual?

Sou criadore da Lady Bixa, produtora preta que tem como objetivo a celebração da cultura preta lgbqia+ e difusão e fomento da cultura ballroom.

4 - Como era a sua vida antes de entrar no Voguing?

Eu conheci a ballroom enquanto morava em nova york. Antes de voguing eu ja era bailarino, ator e performer.

5 - Quais motivos te fizeram procurar uma house (casa) ou se inserir nesta cultura?

A falta de espaços inclusivos e diversos na cidade de Aracaju que celebrem minorias e a comunidade lgbtqia+.

6 - O que a Cultura Ballroom e o voguing significam na sua vida?

Significa celebração, resistência e manifestação de uma cultura underground. Ballroom eh sobre a permissão em sonhar.

7 - O que esta cultura lhe agrega e quais são os desafios?

A cultura ballroom permite com que eu seja minha versão autêntica e faz com que eu me conecte com outras pessoas através da comunidade que eh criada através da ballroom. O grande desafio eh fomentar a ballroom num país governado por líderes que não veem as minorias e fazer com que a sociedade entenda a cultura ballroom de forma serie e a respeite sem que haja apropriação cultural.

8 - Como é fomentar a Cultura Ballroom no seu estado?

A Lady Bixa Festival emerge da necessidade de criação de uma plataforma voltada para o protagonismo LGBTQiA+, uma vez que, em Aracaju/SE existe uma carência extrema de espaços inclusivos e/ou destinados à comunidade queer que promovam novos talentos e artistas já consagrados, ou ainda, que abram o debate sobre as violentações diárias. Assim, pensando inclusão e acolhimento, a Lady Bixa Festival tem o comprometimento de trazer para a cena corpos e corpos que estão inseridos em um cenário de vulnerabilidade social.

9 - Como surgiu o Voguing e a cultura Ballroom no seu estado?

Inspirada nas festas e festivais LGBTQiA+ de Nova York, onde há muito tem sido considerada o lugar que deu início ao movimento pelos direitos dos LGBTQiA+; na Cultura House Ballroom, baile que surgiu na comunidade negra latino-americana LGBTQiA+ de Nova York dos anos 60, e se espalhou pelo mundo como um movimento político, de ocupação de espaços e de celebração à diversidade de gênero, sexualidade e raça; e no Pajubá, dialeto criado pela comunidade LGBTQiA+ e que

utiliza termos de origem nagô e iorubá; nasceu a Lady Bixa. A Lady Bixa iniciou suas atividades em novembro de 2019 e em janeiro de 2020 estreou em Aracaju/SE, o baile de celebração ao espírito queer, enaltecendo não só as identidades e expressões da comunidade e cultura LGBTQiA+, mas também o amor, o respeito e o direito de manifestação de cada indivíduo. Sendo um dos primeiros eventos a ser realizado em Aracaju com o intuito de celebrar a Cultura Ballroom, a Lady Bixa teve em sua primeira edição o POP Eclético como estilo condutor e contou com uma programação vasta e diversa com artistas LGBTQiA+ da nova geração como a Isis Broken, vencedora do MVF na categoria Melhor Figurino em Videoclipe Nacional. Além disso teve a Previna Móvel, disponibilizada pela Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju, que ofereceu o diagnóstico rápido e gratuito de IST; a Feirinha Baphoo, onde através de parceria com microempreendedores do estado, foram vendidos produtos destinados a comunidade Queer; e um Ball babadeiro com direito a maravilhosos jurades e troféus. E pensando na importância de construção, formação de público e na relevância de fomentar a cultura ballroom, a Lady Bixa lançou em julho de 2021, o Workshop Ballroom com Afrofutur1st, cujo objetivo foi difundir a cultura ballroom no estado de Sergipe. Numa vivência de mais de 30h, o workshop foi também um projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc e teve como conteúdo práticas físicas: como alongamento e partituras coreográficas; a imersão na cultura ballroom: onde foi abordado não só vivência em voguing mas também o contexto histórico; os diversos parâmetros artísticos e estéticos dos balls; além de inserção de elementos brasileiros e promoção de balls como parte fundamental da experiência. Sendo esse um evento pioneiro no estado de Sergipe quanto referente à cultura ballroom, Afrofutur1st, através da Lady Bixa, criou, como resultado do workshop, a Casa DiBarro\*. Com o objetivo de estabelecer uma identidade e legado da cultura ballroom no estado e no Nordeste, a primeira house do estado de Sergipe nasce através do interesse de um grupo de jovens ativistas LGBTQiA+ em construir um espaço seguro para a celebração das suas identidades e expressões artísticas. Afrofutur1st como pioneira da cena ballroom local, assume o papel de mother/father da Casa DiBarro, se tornando assim, a líder da house e responsável pelo acolhimento e organização.

\*O nome surge em razão da capacidade modeladora do barro, no sentido da gente poder se moldar e criar nossa própria aparência e identidade através da nossa cultura e ancestralidade. O barro é de fundamental importância no cerne da construção identitária da cultura nordestina e afro-brasileira e de acordo com as tradições africanas, é considerado fonte de toda a vida.

## **16 - Respostas de Andira Angeli, Vice-presidenta da Associação Manifesta LGBT (Casa Miga)**

1 - Como surgiu o nome "casa miga"?

Da palavra Amiga, na expressão Miga muito usada pela comunidade lgbtquia+, uma expressão de acolhimento

## 2 - Como se iniciou a história da casa miga?

Surgiu da necessidade de acolher um associado da Associação Manifesta que havia sido expulso de casa, e da consciência de que muitas pessoas da comunidade se encontravam em situação de vulnerabilidade social e em situação de rua. Desde então, a casa já alcançou mais de 200 pessoas pra além de abrigo, com apoio de assistência social, apoio psicológico, doações de cestas básicas e outros serviços

## 3 - Qual o objetivo da casa?

Dar suporte social, psicológico e acolhimento para pessoas lgbt refugiadas e brasileiras que estão em situação de vulnerabilidade em casa ou em situação de rua. Abrir oportunidades e capacitações para inserção no mercado de trabalho e reintegração dessas pessoas em todos os âmbitos sociais.

## 4 - Quais as dificuldades encontradas para manter este projeto?

A falta de apoio governamental e de poderes públicos definitivamente é uma dificuldade.

As relações humanas e com a convivência entre os acolhidos e a equipe da casa, mediar a vulnerabilidade de cada pessoa conflitos interpessoais e internos dos acolhidos são situações difíceis mas que ensinam muito. A própria equipe faz tudo com muita vontade e com verdade, mas também enfrenta o despreparo para lidar com muitas das situações que acontecem na casa, aprendem fazendo.

## 5 - Como que mantêm a casa miga viva?

Através de uma rede de apoiadores que fazem doações, instituições privadas e ongs que são parceiras da casa, como a Caritas, Acnur e outras. Também através da escrita de projetos para editais públicos

## 6 - Vi no instagram que têm parceria com a Ballroom Manaus. Como se iniciou essa parceria?

A Casa Miga realizou a primeira Ball de Halloween da cidade em parceria com a house of Astra, e esse foi o primeiro contato entre a casa e a comunidade Ballroom

7 - A casa miga tem associação com a dança Voguing? De que forma?

Alguns acolhidos fazem parte da comunidade Ballroom e trazem essa vivência para dentro da casa